



COLABORADORES

PROF. FRANZ DOBBERT  
PROF. HELIO FONTES  
PROF. LUIZ FELIPE VIEIRA SOUTO  
PROF. RICARDO RODRIGUES VIEIRA  
PROF. EDGARD LIGER BELAIR  
JOSE CONSTANCIO ATHAYDE  
JORIO DE OLIVEIRA  
DOMÍCIO PROENÇA FILHO  
ANTÔNIO O. S. MACHADO  
JOÃO BATISTA BRAGA TEIXEIRA  
VICENTE FRANÇIMAR DE OLIVEIRA  
HAROLDO VIEIRA DA COSTA  
JOSÉ CARLOS BORGES FILHO  
RUI MELO DANTAS

IN  
TER  
NA  
TO

ORGÃO DOS AMIGOS E ALUNOS ANTIGOS DO INSTITUTO DO COLÉGIO PIETRO II

3

JANEIRO DE 1953

# INTERNATO

ORGAO DOS ANTIGOS E ATUAIS ALUNOS DO INTERNATO DO COLEGIO PEDRO II  
SOB O PATROCINIO DA DIREÇÃO DO ESTABELECIMENTO

ANO III — JANEIRO DE 1953 — N. 3

## I — APRESENTAÇÃO

INTERNATO ..... 5

## II — SEÇÃO DOS PROFESSORES E DOS ANTIGOS ALUNOS

O FAUSTO DE GOETHE — <i>Prof. Franz Dobbert</i> .....	9
EM TÓRNO DE QUESTÕES CLÁSSICAS DE TRIGONOMETRIA — <i>Prof. Helio Fontes</i> .....	17
FRANCISCO PINHEIRO GUMARAES — <i>Prof. Luiz Felipe Vieira Souza</i> .....	23
A LÍNGUA FRANCESA NO CURRÍCULO SECUNDÁRIO — <i>Prof. Ri- cardo Rodrigues Vieira</i> .....	31
SANTOS DUMONT, ESCRITOR — <i>Prof. Edgard Liger Belair</i> ..	35

## III — SEÇÃO DOS ALUNOS

MACHADO DE ASSIS, MESTRE DE LETRAS — <i>José Constandio Albayde</i> .....	41
MALABARISMO CIRCENSE — <i>Jório de Oliveira</i> .....	45
OLAVO BILAC, "O PRÍNCIPE DOS POETAS BRASILEIROS" — <i>Do- mício Proença Filho</i> .....	47
CASIMIRO DE ABREU — <i>Antônio Orlando dos Santos Ma- chado</i> .....	51
RECUNDAÇÃO — <i>Jôão Batista Braga Teixeira</i> .....	57
O ROMANTISMO EUROPEU E O AMERICANO — <i>Vicente Fran- cimar de Oliveira</i> .....	59
CONHEÇA O FRUTO — <i>Haroldo Vieira da Costa</i> .....	63
O INTRODUTOR DO REALISMO EM PORTUGAL — <i>José Cons- tância de Albayde</i> .....	69
CASTRO ALVES, SUA VIDA E SUA OBRA — <i>José Carlos Borges Filho</i> .....	75
A VIDA DE JACQUINI NABUCCO — <i>Rui Melo Danilas</i> .....	79
HISTÓRIA DO GRÊMIO LITERÁRIO E RECREATIVO PEDRO II — <i>Atividades</i> .....	83

ENDEREÇO — COLEGIO PEDRO II — INTERNATO  
CAIXA DE CORREIO Nº 100 — RIO DE JANEIRO  
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Nous serons heureux de recevoir toutes publica-  
tions scolaires et universitaires et c'est avec plaisir  
que nous entrerons notre revue à tout organisme ou  
Professeur qui nous en fera la demande.

• •

Tous échanges épistolaires entre nos étudiants et  
les étudiants étrangers seront accueillis avec joie.

• •

Adresser toutes correspondences et envois à:

Revue Internato  
Collège Pedro II  
Campo de S. Christovão, 177  
Rio de Janeiro — Brésil

IV — DOCUMENTARIO

BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELOS E O COLÉGIO PEDRO II  
 — *Felippe Vieira Souto* ..... 89  
 O DISCURSO DE BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELOS ..... 93  
 REGULAMENTO N.º 8, DE 31 DE JANEIRO DE 1838 — ESTA-  
 TUTOS DO COLÉGIO PEDRO II ..... 97  
 PROFESSOR ANTEIOR NASCENTES ..... 117

V — NOVO EDIFICIO DO INTERNATO

O ESTADO DAS OBRAS ..... 133

VI — SEÇÃO RECREATIVA

PARA RIR OU CHORAR ..... 137

VII — FESTA DE ENCERRAMENTO

DISTRIBUIÇÃO DE PRÊMIOS ..... 143  
 RESULTADO GERAL DOS EXAMES ..... 150

Apresentação

I N T E R N A T O

## INTERNATO



PRESENTE número de INTERNATO constitui uma prova de sua própria vitalidade. Os números anteriores anunciavam o aparecimento de uma publicação que, para os cétricos teria vida efêmera como tiveram tantas outras do mesmo gênero. O presente número indica, de maneira clara e insofismável, que INTERNATO já se encontra definitivamente incorporado à vida do secular Colégio Pedro II.

Os alunos que habitam esta Casa de educação e de cultura jamais permitiriam que desaparecesse uma revista nos moldes de INTERNATO que reflete, com uma precisão rara, as diversas atividades levadas a efeito em cada ano letivo.

Por todos estes motivos, INTERNATO, seguindo a tradição anunciada no primeiro número, continua obrigando em suas páginas a colaboração dos antigos e atuais discípulos do Colégio Pedro II, ao mesmo tempo que espera exercer sobre a geração hodierna uma influência benéfica e digna do estabelecimento que representa.

Seção dos professores e  
dos antigos alunos

-  
Z  
T  
E  
R  
Z  
A  
T  
O

## O FAUSTO DE GOETHE

PROF. FRANZ DOBBERT



A história da humanidade, nenhum tempo encontramos tão confuso, tão incerto, e tão inconstante como o nosso. Isento de sentimentos humanos atrai-se, de corpo e alma, ao nefando materialismo.

Lembrar-se neste transe daquele que nos iluminava o caminho que devemos trilhar, que nos anunciava os destinos ideais do homem, é uma tarefa muito grata e consoladora. Pois Goethe se eleva até o nosso tempo, e veneramos nele o criador, propriamente dito, do humanitário.

Se o nome honorífico de poeta e devido somente ao mestre, que cria suas obras magistrais, haurindo do fundo da alma entusiasmada e privilegiada as radições e efusões do seu gênio, a ninguém mais do que a Goethe competem os louros da glória entre os discípulos eleitos das Musas e Graças.

Que poderosa influência o poeta exercia sobre o seu tempo e, como também seus adversários na eresia e convicção política reconheciam sua singular grandeza, isto podemos ler nas páginas da crônica dos dias passados. Sem reconhecer o conhecimento e sua apreciação cresceram desde a sua morte e subirão sempre mais alto, quanto mais nos afastamos da sua era. Na verdade, afincamente uma criatura humana compreende-lo-á perfeitamente; para tanto é o gênio de maneira grande. Também, difícil será sentir suas obras assim, como ganharam espírito e vida da alma do poeta. Nos seus amigos Goethe confessou certa vez: "Mesmo levando em consideração a forma e o sentido do todo, já me sinto contente se o leitor aceitar certos trechos com comodidade e agrado, e escolher o que pessoalmente lhe fala ao coração. Muitas poetas e dramas são o manual puro, nascido no íntimo do meu coração, na volúpia do entusiasmo poético, desviado do mundo exterior. Ou vicevem, talvez, as inspirações de alturas desconhecidas? — Muitas vezes, quando, após dias e anos relembrar meus trabalhos, diziam-me algo de novo e surpreendiam-me de tal maneira, como se eu fosse, não o poeta, porém, somente o leitor, e produziam dentro em mim novas sugestões e idéias".

Suas poetas e dramas lerotaram como da fonte eterna de observação e apreciação pura; seu profundo conhecimento da alma humana, suas ricas experiências e sensações, o raiar da força da imaginação transformava em figuras vivas, das quais brilhava o espírito que as criou.

Eram revelações nascidas no gênio, que se dirigiam a êle como se fossem espíritos. E assim costumava chamar sua arte poética: de "conversas com espíritos".

Do oceano imenso de uma existência sumamente rica, ampla e larga podíamos haurir somente com uma concha e mencionar, de passagem, os marcos de sua vida grandiosa e labiríntica.

Johann Wolfgang Goethe nasceu em 28 de agosto de 1749 em Frankfurt sobre o Reno, na Alemanha, como filho de família burguesa; pois seu bisavô dedicou-se ao ofício de ferreiro; seu avô exerceu a profissão de alfaiate e sómente seu pai formou-se em direito, ocupando o lugar de conselheiro imperial. Parece destino, que na época hodieira, cheia de apreensões, de temores e confusões políticas, comemoramos o segundo centenário natalício de Johann Wolfgang Goethe, que os contemporâneos do mundo civilizado consideravam o astro de maior brilho em todos os tempos, na literatura universal em prosa e em verso. O seu grande talento Goethe não o pôs exclusivamente ao serviço de seu povo, mas sim, ao serviço de toda a humanidade. É por este motivo, que todas as nações civilizadas festejam a data do nascimento deste immortal poeta, litterato, homem de estado, cientista e sábio.

Muito cedo manifestou-se no indigente menino a inclinação para as belas ciências. Seu pai, homem de caráter firme e austero, pretendia fazer de Wolfgang um grande juriconsulto; porém da jovem mãe herdou a alegria da vida, e o amor às graciosas musas. Desempenhou o perfil de seus pais nos seguintes versos:

"*Vom Vater hab ich die Statur,  
Des Lebens crastes Föhren,  
Von Mitternachten die Frohnatur,  
Die Lust zum Föhlerem.*"  
"Tenho do pai a estatura  
A sério a vida levar;  
Herdei da mãe a alegria  
E o prazer de fabular."

Aos 10 anos de idade começou os estudos humanísticos, dando preferência às linguas clássicas de latim e grego, nas quais conseguiu grande perfeição. A leitura dos autores clássicos influiu grandemente na formação do seu caráter, procurando imitar os famosos vultos daqueles povos que nos transmitiram a civilização.

Satisfazendo a vontade do pai, matriculou-se, aos 16 anos de idade, na Faculdade de Direito em Leipzig, formando-se com 21 anos na Universidade de Hírasburg, contudo não negligenciava as suas musas prediletas da poesia. Para conhecer no vernáculo as obras mestras dos grandes litteratos, estudou a fundo o francês, o italiano, o inglês e o hebraico. Da mesma forma conseguiu grande saber na música, no desenho, na pintura e na arquitectura.

O estudo do direito deixava-lhe bastante tempo para aprofundar-se na filosofia e na história, na botânica e na zoologia, na medicina, na física e na

química, na geologia e na mineralogia, chegando a tão alto grau de conhecimento das coisas que os maiores entendedidos no assunto se correspondiam com êle.

Durante o curso da jurisprudência, frequentou também as preleções dos grandes mestres nas ciências, conseguindo, desta maneira, satisfazer a sua paixão pela arte poética na qual alcançou os píncaros da glória.

Sua mestria Goethe revelou no belo episódio histórico de "Hermann und Dorothea", imitando a odisséia do immortal Virgílio, na linguagem e na ordem das palavras, empregando a arte difficil dos Hexâmetros, como vemos nos versos seguintes um exemplo:

"*Also gingen die Zwœr entlegen der sinkenden Sonne  
Die in Wäldern sich tief, gewitterrohrend, verhillte.*"

Os motivos e inspirações para suas canções, poesias e baladas êle os tirou de acontecimentos de sua vida, da litteratura, de passeios, vistas e viagens. Assim, por exemplo, foram inspiradas as mais belas canções entre as quais mencionamos *Soh ein Raub ein Räuber sich*; a rosinha na charneca; *Selbstsücht*; nostalgias; *der Abschied*; a despedida; *Fantais*; *Fantastum trinitas*; *Ergo bibamos*!; *Stiltnacht*; canção siciliana; *Schreier Lied*; canção suíça, e outras mais, muito além de cem. Na sua viagem à Itália formou-se a poesia: *Der Wanderer*; o viandante.

A vista do mar azul e da fanstosa natureza impeliu o poeta a reter em Palermo a Odisséia, que, só então, lhe abriu a verdadeira compreensão desta grandiosa epopeia. O seu tratado botânico: "a metamorfose das plantas" é considerado uma obra de mestre e dá provas da observação minuciosa e do grande amor à natureza de Goethe. A bellissima poesia: "Hermann und Dorothea" tirou-a da realidade; episódio da expulsão dos protestantes do archiepiscopado de Salzburgo.

Nas obras de Werter, Tasso, Elpenor e Faúst nos revela acontecimentos dramáticos de sua propria vida.

Tempo demasiado nos ia tomar a enumeração dos multiplos motivos e acontecimentos que induziam o poeta à criação de suas innumerables obras.

Apresentado, a Napoleão I, na corte de Weimar, leve este as palavras expressivas — "Voilà un homme" e distinguio o poeta com a condecoração da Legião de Honra.

Na verdade, Goethe foi um homem da humanidade como somente, rarissimas vezes, aparece, para iluminar e animar o mundo soffredor. Rectamente, seu ideal era servir a humanidade. Não foi politico, nem fanático; amava a paz inspirando-se na leitura da Biblia, como êle mesmo o dizia. Condenava as lutas, as revoluções, as guerras, considerando a melhor forma de governo: a república, apesar de estar durante quase toda a sua vida ao serviço do seu amigo e protector, o duque de Saxe, em Weimar.

Com acérrio dizia o grande dramaturgo alemão Gerhart Hauptmann: "Goethe foi um dos poucos homens, que pregavam o evangelho da humanidade, que, como puro pensamento, é a maior legitimação do homem como homem

Não são as revoluções que trazem o progresso porém uma reforma tranquila e constante como a própria vida. Não a massa abstrata, o próprio indivíduo é o objeto do gênio criador de Goethe. Só conhece uma diferença, e nela não há lugar para fanatismo, escravidão do espírito, inimizade de homem e perseguição de espécie alguma. E assim, no sentido de Goethe, todo homem deve realizar a reforma em si mesmo; deve ser seu próprio senhor e soberano e não o ladhrio e a vítima dum poder fanático. Somente a cultura pode dar importância ao homem.

Na maior de suas obras, intitulada "Faust", a qual dedicou toda a sua vida, desde a mocidade até o ultimo ano de sua existência, nesta obra elle nos revela o seu grandioso conhecimento em todos os ramos das ciencias. E esta grande obra nada mais apresenta do que a luta titânica entre o bem e o mal na humanidade, conseguindo, afinal, o bem, já agonizante, triunfar, levando a palma da victoria.

Daremos alguns informes sobre a personagem misteriosa do herói do drama do mesmo nome.

Já muito foi dito, escrito e discutido a respeito. A primeira, ou uma das primeiras publicações sobre Faust, transmittiu-nos o editor Johann Spies, que publicou no anno de 1387, em Frankfurt sobre o Memo, o livro intitulado: "Historia do Feticheiro e necromante Dr. Johannes Faust". Substiz assim o gosto do publico de seu tempo, que apreciava as historias sobre feticheiros, ladroes e aventuras.

Christopher Marlowe, o precursor de Shakespeare, adota a historia digna de ser traduzida e aproveitada, para o seu drama: "Vida e morte de Faust". Este drama e considerado a melhor obra de Marlowe, que impressionou muito a Shakespeare. Verrida em alemão, voltou a historia para o pais de sua origem, onde encontrou o caminho até o jovem Goethe através dos theatros populares nas feiras, que a deuou á tragédia da humanidade. Goethe venerava em Faust o porta-luz nas trevas, o martyr na defesa da verdade.

Quem foi afinal o Dr. Faust e qual o seu destino?

Johannes Faust nasceu pelo ano de 1480 em Knittungen na Sualia no Sul da Alemanha. Dotado de grande intelligência, ávido de saber, apesar de sua pobreza, conseguia adquirir vasta cultura nas escolas de Kracovia e Ingolstadt. Foi filho do tempo em que idéias e percepções antigas se desmoronavam e um novo mundo emergia. Descobriam-se novos continentes; devotados religiosos e politicos espalhavam medo e terror; cobiça desenfreada lutava contra a probidade; a verdade contra a mentira; prises e povos tornavam-se mercaderia dos poderosos. Corriam torrentes de sangue; cidades inteiras desajrecciam num mar de clamores; fogueiras fimejavam com as vitimas do fanatismo por toda a parte.

No meio deste caos appareciam homens illuminados que mostravam o caminho ás alturas. Entre estes citamos: Gutenberg, Luther, Colombo, Cabral, Carlos V. Ainda não superamos as consequências daquelles esforços e as revoluções delles orientadas. Naquelle tempo, como tambem hoje, as innovações se precipitavam; a officina, o laboratorio dos sábios, mesmo a igreja não bastavam mais. A opinião pública exigia ser ouvida. Para isso serviam as feiras. A retórica nas feiras gozava então de grande reputação.

Escolares e mercenários andantes, monges penitenciarjos, frades mendicantes levavam as novas ao povo. Charlatães e médicos apregoavam as maravilhas e vantagens de seus medicamentos. Em situação difficil, ameadado de perigos e da fogueira, encontraram-se os êmulos de Esculápio. Os médicos eram considerados aliados do demônio; não podiam ser servos de Deus, pois seus concorrentes, os frades mendigos, tomavam a si a cura dos doentes por meio de orações e drogas. Contudo, os doentes preferiam os adoradores do diabo, como eram chamados naquele tempo os médicos.

Nestas feiras conseguiu Johannes Faust atrair a attenção das classes alta e baixa para o seu combate contra o charlatanismo e interessá-las no verdadeiro tratamento da saúde. Pregava que os melhores remédios ficariam sem effeito, não sendo observado o asseio. Isto foi uma franca declaração de guerra contra a quercia sujidade costumeada. A limpeza do corpo segundo a opinião de clérigos e leigos, era uma variedade pecuniosa. Apesar da reatância do clero, cresceu o numero dos adeptos, contando-se entre elles: Felipe Melancthon e Paracelsus Bombastus von Hohenstein. Nasctido este em 1493, morreu em 1541. Filho dum médico da Basília e fãmlulo de Faust, introduziu a medicina farmaceutica e quimica; procurava materias curativas de forma mais simples e, no tratamento de feridas, exigia o mais rigoroso asseio.

Odiado por suas idéias novas, foi perseguido pelos médicos e expulso da cidade natal, vindo-se forçado, como Faust, a levar uma vida errante. Muitos de seus tratados se conservaram, apesar das perseguições a que se viu exposto.

Cabral, o descobridor do Brasil, dava grande valor á limpeza da tripulação de suas embarcações, um terço da qual, mais ou menos, eram alemães da Sualia, patrios de Faust. (Assim Herich Schuler).

Não se deixou amedrontar o nosso herói com ameaças e perigos; impavido, continuou o combate contra as misturas preparadas sob fórmulas mágicas e a luta pelo asseio do corpo e da alma. Conseguiu muitas curas, attribuindo-se-lhe, por isso, poderes occultos. Vagava de cidade em cidade. A inquisição andava á sua procura e, mais de uma vez, escapou da tortura e da fogueira. Após longas lutas, afinal, viu nascer a aurora da victoria.

Hermann von Wied, archebispo de Colonia, reconheceu que a doutrina pregada por Faust, concordasse com a doutrina cristã. No seu archebispoado tornou-se habito o banho familiar semanal.

Contam os cronistas que Faust, por fim, foi vitima das ciladas, morrendo assassinado em Strauten, na Floresta Negra, no anno de 1539.

O juizo do povo tinha razão. Ainda que misturado com superstição e dhalbrar, Johannes Faust foi um feticheiro, porém no sentido mais nobre da palavra. Assim o respeitavam espiritos lucidos como Melancthon, von Wied e Hutten. Venceu o bem, ao exaltar o supremo alemo, não empunhando a palma da glória, mas coberto pelo estandarte da victoria.

O drama de Faust pode ser chamado a obra de vida de Goethe. A leitura da edição popular do Dr. Faust impressionou tanto a Goethe adolescente, que, então, elle se dedicou á formação deste imponente drama, no qual entrelaçou a própria vida leviana de jovem e a sua ambição desmenturada de saber, de conhecer suas ânsias, suas dividas e lutas em procura da verdade.

Annúnciamos o poeta no prólogo com versos de profunda sanidade que, no seu drama, encontramos o reflexo de sua moedade agitada:

*"Ihr bringt mit Euch die Bilder froher Tage,  
Und manche liebe Schatten steigen auf;  
Gleich eurer alten halberklingenen Sage  
Kommt erste Liebe und Freundschaft mit herauf".*  
"Trazeis as lembranças de felizes dias,  
E sombras muito queridas emergem;  
Como nas lendas muito antigas  
Primeiro amor e amizade apareceram."

A séde insaciável na procura do ignoto, a ânsia de desvendiar o segredo da fonte da vida, de receber uma revelação, contestam-nos com os versos:

*"Die ungenügs werd'ger und schöner brennt  
Als in dem neuen Testament."*

Esta revelação pretende êle encontrar no original sagrado do Novo Testamento. Pois, gostava muito dos ensinamentos do divino mestre, como o poeta mesmo confessou; e, nas horas amargas de sua vida, evocava as lindas passagens evangélicas, que lhe restituam o ânimo e a alegria.

Como já mencionamos, a primeira parte de Faust representa a moedade de Goethe; nela vemos apresentado o genio do mal por Mefistófeles; quer expiar e remediar a desgraça que sua levandade de joven causou à ingénua e confiante Margarida, immortalizando a vítima com os versos mais sublimes. Ao mesmo tempo pode ser considerada a primeira parte a vida de todo homem pensador, pesquisador, lutador. Por esta razão foi chamada: "a tragédia do tempo moderno". Como em exposição épica Goethe descreve nos seus romances a cultura do século com seus lados de luz e sombra, seus erros e victos, assim é representada, dramaticamente, na primeira parte de Faust, a luta titanica pelo eterno insondável, o impotente succudir na porta fechada do além; a revolta contra a crença cristã infantil, o pesquisar inútil do desconhecido; enquanto a segunda parte aspira uma solução dos conflitos, mas também sem conseguila.

Na segunda parte, criação da idade madura e da velhice, predomina a alegoria, o simbólico, o dogmatico, o misticismo; é uma ficção cerebral, na qual deu liberdade ao seu génio imaginoso, mostrando sua intensa criação em todas as ciências: na philosophia na história, na mitologia, na literatura.

Muitos comentadores procuravam decifrar o sentido apocalíptico da segunda parte de Faust. O mais bem sucedido foi, talvez, Dänizer; no entanto, difficilmente seria descoberto tudo o que Goethe tem oculto nesses obscuros enigmas.

O próprio Goethe manifestou-se, certa vez, ao seu amigo Eckermann, a respeito dos interpretores de Faust de forma seguinte: "Queren saber, quais as idéas que procurei corporificar no Faust. Como se eu mesmo o sou-

lesse ou pudesse dizer! Do céu, pelo mundo ao inferno! Isto seria apenas a marcha do drama, porém nenhuma idéa."

Contudo continuam os trabalhos para decifrar os enigmas de Faust, como mostra a "Bibliotheca Faustiana" de Langels, na qual os tratados explicadores excedem longe o numero de 100. Difficil sera sondar os dizeres enigmaticos do poeta; porque, segundo Goethe, foram ditados pelo espirito genial, herdado das correntes da natureza.

Poucos meses após a conclusão do drama, Goethe adormeceu para sempre, tranquillamente, sem agonia, aos 22 de março de 1832.

Tesouros infinitamente grandes criou este génio; contudo, toda sua literatura, no sentido de Goethe, é somente fragmento. Maior que seu labor incansável foi sua vida, sua existência humana, sua filantropia. Foi homem entre homens; como homem criou obras grandiosas para todos os homens.

A mais dura luta de sua vida consistia em dominar-se a si mesmo. Em tais horas experimentava a verdade de suas palavras de poeta: "Bemaventurado quem se retrai do mundo, sem ódio". Nos seus diários podemos ler: "O melhor de tudo é o profundo silencio, em que vivo contra o mundo, e cresço e lueto o que êle não me pode tirar, nem com o fogo, nem com a espada".

A calma e a perseverança complacente Goethe considerava as grandes riquezas. Quem as possui, contempla a vida com olhos gratos. E isso fez Goethe. Sua filantropia tinha, para todos, palavras cheias de bondade; nêle podemos verter o ideal da humanidade. Nunca, talvez, a humanidade precisasse procurar, tanto quanto na época de hoje, o caminho do magrão e do bem, que nos ensina o iluminado cujo segundo contentão natalicio festejamos. Enquanto vivem homens neste mundo, que sabem apreciar valores culturais, o nome de Goethe brillará entre os primeiros no firmamento dos génios, e lembrar-se-ão com profunda gratidão deste poderoso herói do espirito.

As ultimas palavras de Goethe foram:

*"Mehr Licht — Mais luz".*

Mais luz, imploramos a Deus poderoso, que conceda áqueles desportas, que cobrigam e disputam o dominio do mundo, para que, também êles, abraçem o evangelho da humanidade do immortal Goethe, restituindo à humanidade angustada: a dignidade, a liberdade, a tranquillidade, o espirito cristão de fraternidade, a paz.

# EM TÔRNO DE QUESTÕES CLÁSSICAS DE TRIGONOMETRIA

PROF. HÉLIO FONTES (1)  
Antigo aluno e atual Catedrático  
de Matemática do Instituto.



RECENTEMENTE somos levados a reparar, em os compêndios, a repelição de demonstrações ou deduições de propriedades para certos casos particulares, deixando os mostrar a solução geral do problema.

Não raro, também, se encontram, propostas ou resolvidas de per si, questões que diferem aparentemente, sem que se chame a atenção para as ligações que, entre elas, subsistem.

A omissão do fato geral de um modo sistemático, que prejudica, evidentemente, a boa formação intelectual de nossos adolescentes, nem sempre se justifica na dificuldade de conduzir o raciocínio, pois, communmente, a sua instruição é simples e pouco laboriosa.



Prof. Hélio Fontes

I — Consideremos, por exemplo, as relações

$$\begin{cases} \text{sen } (a + b) + \text{sen } (a - b) = 2 \text{ sen } a \text{ cos } b \\ \text{cos } (a + b) + \text{cos } (a - b) = 2 \text{ cos } a \text{ cos } b \end{cases}$$

que podem ser escritas sob a forma:

$$\begin{cases} (2) \text{ sen } (a + b) = \text{sen } a \text{ cos } b - \text{sen } (a - b) \\ \text{cos } (a + b) = 2 \text{ cos } a \text{ cos } b - \text{cos } (a - b) \end{cases}$$

Ora, considerando  $b = (n-1)a$ , obtêm-se às fórmulas:

$$\begin{cases} (3) \text{ sen } na = 2 \text{ sen } a \text{ cos } (n-1)a + \text{sen } (n-2)a \\ \text{cos } na = 2 \text{ cos } a \text{ cos } (n-1)a - \text{cos } (n-2)a \end{cases}$$

(1) O prof. Hélio Fontes, ex-aluno do Colégio Pedro II — Instituto — obteve o primeiro lugar no concurso realizado em 1925, para o provimento da cadeira de Matemática, ao qual concorreram quatro candidatos.

que dão a solução geral do problema da multiplicação de arcos.  
De fato, fazendo-se em (3)  $m = 2, 3, 4, \dots$  obtem-se:

$$\text{Para } m = 2 \quad \begin{cases} \text{sen } 2a = 2 \text{ sen } a \text{ cos } a \\ \text{cos } 2a = 2 \text{ cos}^2 a - 1 \end{cases}$$

$$\text{Para } m = 3 \quad \begin{cases} \text{sen } 3a = 3 \text{ sen } a \text{ cos}^2 a - \text{sen } a \\ \text{cos } 3a = 4 \text{ cos}^3 a - 3 \text{ cos } a \end{cases}$$

ou

$$\begin{cases} \text{sen } 3a = 4 \text{ sen } a \text{ cos}^2 a - \text{sen } a \\ \text{cos } 3a = 4 \text{ cos}^3 a - 3 \text{ cos } a \end{cases}$$

$$\text{Para } m = 4 \quad \begin{cases} \text{sen } 4a = 4 \text{ sen } a \text{ cos } 3a + \text{sen } 2a \\ \text{cos } 4a = 2 \text{ cos}^2 a \text{ cos } 2a - \text{cos } 2a \end{cases}$$

ou

$$\begin{cases} \text{sen } 4a = 4 \text{ cos } a [\text{sen } a - 2 \text{ sen}^3 a] \\ \text{cos } 4a = 8 \text{ cos}^4 a - 8 \text{ cos}^2 a + 1 \end{cases}$$

e assim sucessivamente.

II — Da identidade

$$(4) \text{ sen } A + \text{sen } B + \text{sen } C - \text{sen } (A + B + C) = \\ = 4 \text{ sen } \frac{A + B}{2} \text{ sen } \frac{A + C}{2} \text{ sen } \frac{B + C}{2}$$

obtem-se, substituindo-se A por  $\frac{\pi}{2} - A$ ; B por  $\frac{\pi}{2} - B$  e C por  $\frac{\pi}{2} - C$ ,

$$(5) \text{ cos } A + \text{cos } B + \text{cos } C + \text{cos } (A + B + C) = \\ = 4 \text{ cos } \frac{A + B}{2} \text{ cos } \frac{A + C}{2} \text{ cos } \frac{B + C}{2}$$

Impondo-se a condição

$$A + B + C = \pi$$

as identidades (4) e (5) reduzem em:

$$(6) \text{ sen } A + \text{sen } B + \text{sen } C = 4 \text{ cos } \frac{A}{2} \text{ cos } \frac{B}{2} \text{ cos } \frac{C}{2}$$

$$(7) \text{ cos } A + \text{cos } B + \text{cos } C - 1 = 4 \text{ sen } \frac{A}{2} \text{ sen } \frac{B}{2} \text{ sen } \frac{C}{2}$$

Das últimas igualdades chega-se a outras, facilmente, como por exemplo:

1.º) Substituindo-se em (6) e (7), A, B, C, respectivamente, por  $\frac{\pi}{2} - \frac{A}{2}, \frac{\pi}{2} - \frac{B}{2}, \frac{\pi}{2} - \frac{C}{2}$ , tem-se

$$(6^o) \text{ cos } \frac{A}{2} + \text{cos } \frac{B}{2} + \text{cos } \frac{C}{2} = 4 \text{ cos } \frac{\pi - A}{4} \text{ cos } \frac{\pi - B}{4} \text{ cos } \frac{\pi - C}{4}$$

$$(7^o) \text{ sen } \frac{A}{2} + \text{sen } \frac{B}{2} + \text{sen } \frac{C}{2} - 1 = 4 \text{ sen } \frac{\pi - A}{4} \text{ sen } \frac{\pi - B}{4} \text{ sen } \frac{\pi - C}{4}$$

$$\text{sen } \frac{\pi - C}{4}$$

2.º) Colocando-se no lugar de A, B e C os arcos  $\frac{2\pi}{3} - A, \frac{2\pi}{3} - B$

e  $\frac{2\pi}{3} - C$ , tem-se as igualdades (6) e (7) sob o aspecto:

$$(6i) \text{ sen } \left( \frac{2\pi}{3} - A \right) + \text{sen } \left( \frac{2\pi}{3} - B \right) + \text{sen } \left( \frac{2\pi}{3} - C \right) =$$

$$- 4 \text{ cos } \left( \frac{\pi}{3} - \frac{A}{2} \right) \text{ cos } \left( \frac{\pi}{3} - \frac{B}{2} \right) \text{ cos } \left( \frac{\pi}{3} - \frac{C}{2} \right)$$

$$(7i) \text{ cos } \left( \frac{2\pi}{3} - A \right) + \text{cos } \left( \frac{2\pi}{3} - B \right) + \text{cos } \left( \frac{2\pi}{3} - C \right) =$$

$$- 1 = 4 \text{ sen } \left( \frac{\pi}{3} - \frac{A}{2} \right) \text{ sen } \left( \frac{\pi}{3} - \frac{B}{2} \right) \text{ sen } \left( \frac{\pi}{3} - \frac{C}{2} \right)$$

3.º) Fazendo-se em (6) e (7)

$$A = \frac{\pi}{2} - A ; B = \frac{\pi}{2} - B \text{ e } C = \pi - C$$

tem-se:

$$(6a) \cos A + \cos B + \cos C =$$

$$= 1 \cos \left( \frac{\pi}{2} - A \right) \cos \left( \frac{\pi}{2} - B \right) \cos \frac{C}{2}$$

$$(7c) \sin A + \sin B - \cos C = 1 =$$

$$= -1 \sin \left( \frac{\pi}{2} - A \right) \sin \left( \frac{\pi}{2} - B \right) \cos \frac{C}{2}$$

(4.º) Dando-se em (6) e (7) os valores  $\pi - 2A$ ,  $\pi - 2B$  e  $\pi - 2C$  respectivamente, para A, B e C, tem-se:

$$(6d) \sin 2A + \sin 2B + \sin 2C = 1 \sin A \sin B \sin C$$

$$(7d) - (\cos 2A + \cos 2B + \cos 2C + 1) = 1 \cos A \cos B \cos C$$

Observando-se que sempre a soma dos novos arcos deve ser igual a  $\pi$ , muitas outras igualdades podem ser obtidas por substituições análogas.

III — Fazendo-se na 1.ª fórmula das igualdades (1) primeiramente, a  $\pi = 51^\circ$  e b  $\pi = \gamma$  e depois a  $\pi = 18^\circ$  e b  $\pi = \gamma$ , tem-se:

$$(8) \begin{cases} \sin (51^\circ + \gamma) + \sin (51^\circ - \gamma) = 2 \sin 51^\circ \cos \gamma \\ \sin (18^\circ + \gamma) + \sin (18^\circ - \gamma) = 2 \sin 18^\circ \cos \gamma \end{cases}$$

Sabemos, por outro lado, que, para os arcos da forma  $\frac{p\pi}{n}$ , o seno

de um arco é igual a metade do lado do polígono regular inscrito no círculo trigonométrico cujo ângulo central subtende um arco duplo do

considerado. Assim o seno de  $51^\circ$  é igual a metade do lado do decágono regular estrelado, isto é, igual a  $\frac{\sqrt{5}+1}{4}$  e o seu seno de  $18^\circ$  é igual a metade do lado do decágono regular convexo, e portanto igual a  $\frac{\sqrt{5}-1}{4}$ .

Logo as igualdades (8) podem ser escritas sob a forma:

$$(8) \begin{cases} \sin (51^\circ + \gamma) + \sin (51^\circ - \gamma) = \frac{\sqrt{5}+1}{2} \cdot \cos \gamma \\ \sin (18^\circ + \gamma) + \sin (18^\circ - \gamma) = \frac{\sqrt{5}-1}{2} \cdot \cos \gamma \end{cases}$$

Subtraindo-se, membro a membro, as igualdades (8), tem-se:

$$(9) [\sin (51^\circ + \gamma) + \sin (51^\circ - \gamma)] - [\sin (18^\circ + \gamma) + \sin (18^\circ - \gamma)] = \cos \gamma$$

Se na fórmula (9) substituirmos  $\gamma$  por  $90^\circ - \gamma$ , tem-se:

$$(10) [\sin (36^\circ + \gamma) - \sin (36^\circ - \gamma)] - [\sin (72^\circ + \gamma) - \sin (72^\circ - \gamma)] = \sin \gamma$$

As fórmulas (9) e (10) são, respectivamente, as fórmulas de LEBLANC e de EULER, utilizadas para a verificação dos valores dados pelas fórmulas de STURSON.

Se em vez da 1.ª fórmula das igualdades (1), considerássemos a 2.ª dessas fórmulas e fizéssemos em primeiro lugar a  $\pi = 36^\circ$  e b  $\pi = \gamma$  e posteriormente a  $\pi = 72^\circ$  e b  $\pi = \gamma$ , teríamos:

$$(11) \begin{cases} \cos (36^\circ + \gamma) + \cos (36^\circ - \gamma) = 2 \cos 36^\circ \cos \gamma \\ \cos (72^\circ + \gamma) + \cos (72^\circ - \gamma) = 2 \cos 72^\circ \cos \gamma \end{cases}$$

$$\text{Como, } \cos 36^\circ = \frac{\sqrt{5}+1}{4} \text{ e } \cos 72^\circ = \frac{\sqrt{5}-1}{4} \text{ as igualdades}$$

(11) Iomam o aspecto:

$$\cos(36^\circ + \gamma) + \cos(36^\circ - \gamma) = \frac{\sqrt{5} + 1}{2} \cdot \cos \gamma$$

$$\cos(72^\circ + \gamma) + \cos(72^\circ - \gamma) = -\frac{\sqrt{5} - 1}{2} \cdot \cos \gamma$$

Efectuando-se a subtração, membro a membro, das igualdades (11) tem-se:

$$(12) [\cos + \gamma) + \cos(36^\circ - \gamma)] -$$

$$- [\cos(72^\circ + \gamma) + \cos(72^\circ - \gamma)] = \cos \gamma$$

Substituindo-se em (12)  $\gamma$  por  $90^\circ - \gamma$ , tem-se:

$$(13) [\cos(51^\circ - \gamma) - \cos(51^\circ + \gamma)] -$$

$$[\cos(18^\circ - \gamma) - \cos(18^\circ + \gamma)] = \sin \gamma$$

que são fórmulas análogas as de Legendre e Euler.

## FRANCISCO PINHEIRO GUMARÃES

**LUIS FELIPPE VIEIRA SOUTO**

(Professor catedrático, Interino, de Literatura do Externato do Colégio de Pedro II)

*A Maria Joaquina e Nelson Romêro, amigos, sempre amigos.*



EU mestre Francisco Pinheiro Guimarães (2.º do nome), ao escrever um dos três memoráveis livros sobre a vida e a obra de seu pai, Francisco Pinheiro Guimarães (1.º do nome) escripto-o com uma frase concisa e precisa que em simplicidade singular, diz como deve ser encarado aquêlle que lhe mereceu tão perfeito quanto amoroso estudo: "Não abram êste livro os que não sabem ver de longe."

Dête e de sua existência agitada e modelar, poderei dizer, quase parolando-o, que só os capazes de enxergar do alto e y distância, poderão abarcar e apreciar o conjunto de escriptos que revelam uma das mais poderosas intelligências que conheci, paradiçna do medico e do mestre, exemplo singular de cultura humanística que se espiritava extinta, na medicina e na literatura, nos conhecimentos classicos e nas letras modernas, servido para expressar seus pensamentos não só pelos dotes oratorios exceptionais que possuia, mas também pela facilidade extraordinária que os conhecimentos das linguas antigas e modernas, principalmente o idioma pátrio que senhoreava como poucos e era o vehiculo transmissor de um intenso cultivo espirita.

Arrolado, vemente, irónico, cultivando perfeitamente o "humour"

característico dos ingleses, suas aulas eram disputadas pelos alunos, que não faltavam a elas, certos de que aprenderiam, conquistariam, ouvirão-o hastró



Francisco Pinheiro Guimarães, quando aluno do Internato

precioso, erudito e actual em linguagem escripta, explorando de forma rara e preciosa transformando muitas vezes a artez científica em encantador delite para intelligencia; avidas de aprendizagem. Maior merito poderia êle jactar-se de ter, pois se suas aulas tinham frequencia transbordante pelos corretores e alunos em milhares melhorados pelos parapeitos das janellas, tal fato deocria do ensino ministrado, da sciencia pessoal que irradiava, porque era sabido que não perdia tempo em fazer chamadas, ou verificar frequencias, nem tampouco retyvava discursos no termino dos períodos letivos.

Parcerria, a muitos, paradigmal, os alunos estudavam e aprendiam nas câtedras. A atengão as suas aulas era religiosa, o silencio completo, se bem que às vezes riso sadio e lãr humorado esvoava espontaneo, quando o mestre a proprio do assunto que era ensinado, narrava uma ou outra anedota com agueda *terceira* que era só dele.

Nasceu e faleceu nesta cidade do Rio de Janeiro. Aque fez estudos, continuia familia; exerceu a clinica e o magisterio, agueda durante quarenta e cinco annos e êste durante em pratica e ensino. Foram datas extremas de sua vida, 23 de Dezembro de 1871 e 13 de julho de 1948. Repousa pela eternidade no Cemiterio de São João Baptista da Lagoa, junto daquella que apes sua mãe, — que plheu-lhe o caracter e a quem deveu orfão de pai aos seis annos incompletos, aguedes principios inmutaveis que regem um caracter e se adquirem na infancia e adolescencia. — foilhe a companheira ideal, o que tã mulher deve ser como paradigma de esposa e mãe. Tambem a morte subita, repentina da esposa, seu segundo eu, aldelou-lhe a existencia e a tristeza invadulhe a alma nos derradeiros dias, — que apes de curtos, foram longos para tamanha dor, — que Deus ainda lhe concedea.

Só uma vez, reparou aquêlê Pinheiro Guimarães, combativo, a guerrear incolemente zolhos, a defender injustizado. Foi o derradeiro numero da "A Patologia Geral", revista que mantege por vinte annos entre nos sem segunda até hoje, dedicado a seu filho Luiz, que acclava de sofrer dos honnais, em seu saldar, golpe traiçoeiro e injusto, que a justiça divina ainda deu, supremo galardão a um pai exemplar, o reparo devido. "Fair play" é talvez em toda a vasta obra de Pinheiro Guimarães, o que melhor retrata, não só seu estilo perfeito e incontaminavel, mas principalmente o altissimo poder de um talento servido por cultura impar.

Foram-lhe genitores, Francisco Pinheiro Guimarães (1.<sup>o</sup> do nome) e D. Adelaide Cardoso Fontes.

Dêle, medico, guerreiro, romanista, professor de fisiologia apes concurso memoravel, poeta e teatrolôgo, romanico, — às vezes pelo momento em que transcorreu sua curta existencia de quarenta e quatro annos, — mas realista, — de fato a emparelhar com Manuel Antonio d'Almeida e a annunciar Machado de Assis e Lima Barreto não cabe a mim historiar em relatar vida e feitos, por tê-lo feito em conferencia, quando do seu centenario natalicio aos 24 de Dezembro de 1932 hoje integrada em meu livro "Caldico"; deia, apenas quero salientar as qualidades de esposa e mãe brasileira, modelo de senhora varonil e digna,

que os tempos vão tornando raro, mas ainda encontrado no recesso dos lãres bem formados.

Consoerido muito jovem com D. Maria Joaquina Magalhães Castro, viu transformar-se seu casamento naquella perfeição de que nos fala o padre Antonio Vieira, em seus conselhos.

Foilhe avô paterno, aquêlê Francisco José Pinheiro Guimarães, merecedor do estudo perfeito dumã personalidade rara, qual o que a prelaclar suas obras Francisco Octaviano de Almeida Rosa nos deixou. Legado de uma intelligencia invulgar possuidora de imensa cultura, são as tradicoes esplêndidas de Byron, Pope e Victor Hugo, modelares no gênero, e que a amidade boa de alguns reunidos num livro até hoje disputado, em 1863, apes valorissem as páginas da "Minerva Brasileira", revista como outra ainda não viu o Brasil.

O que representam na cultura pátria seus filhos e seu genro, — continuador das glórias de Sylvio Romero, — está no consenso unanime e não existem discrepancias quanto ao valor que têm. A amidade impele-me de falar nêles.

Pouco antes de seu desaparecimento doou a biblioteca esplêndida que lhe era enco: — a Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, por onde se doutorara em 1902, fora leque substituto em 1911 e catedrático de 1922 a 1937, na parte referente às ciencias hipocraticas, e no tocante às humanidades em geral e particularmente a lingua portuguesa e litteratura, de que foi docente de 1894 até à jubilação que deu-lhe o titulo de emérito, ao Internato do Colegio de Pedro Segundo, cuja biblioteca assim entripueida e valiosada, passou a ter seu nome antecolado, a lembrar aos vindouros, um dos maiores mestres já possuidos pelo estabelecimento padrio que Bernardo de Vasconcellos, creou, realizou e legou ao Brasil.

Devida foi a homenagem ao professor de portugueses do Internato, que lacharel em letras pelo Colegio em 1891, três annos depois lecionava, com erudição que o emparelhava aos de idade provecta. Aos 31 de Agosto de 1903, — já então, médico recém-formado, êle que chegara a abandonar a carreira de seus naturais pendores, mas a ela voltara a cumprir desejos da esposa, — transferiu-se para a cathedra de Litteratura, cujas tradicoes conservou e aprimorou.

Caler-lhe-ia profierir no centenario do Colegio, aos 2 de Dezembro de 1937, aquella oração de sapiencia, que é modelo, e peça litteraria consagrada.



Prof. Francisco Pinheiro Guimarães, na época em que era professor do Internato

Não pertencem a sociedades literárias, históricas ou médicas. Deveria, então direito de pertencer a todas, mas, aí deitas!... era intenso às sociedades culturais...

Catedrático de *Portuguez* e de *Litteratura* no Internato do *Colégio de Patro Segundo* e de *Patologia geral*, na *Faculdade de Medicina*, da hoje *Universidade do Brasil*, professor emérito, ao aposentarem-se, por dispositivo legal (a acumulação num magistério onde não há tempo integral e que a atual *Constituição* abolia por demais absurdo) foi docente exemplar, sábio conferencista, orador, polemista e conversador esmiúdo, simultaneamente, em dois estabelecimentos oficiais de ensino, sem prejudicar, jamais, um em benefício do outro.

Criou no nosso meio a cátedra de *Patologia geral* em moldes modernos e eficientes, transformando-a em centro de estudos experimentais, dos mais avançados, e propiciando aos alunos, cursos de *Filosofia da medicina*, que tal é, em sua essência, a finalidade da cadeira; e também de *História da Medicina*, evidentemente lecionados pelo seu substituto Professor Doutor *Maurício Campos de Medeiros*, que naquela época era de par com *Olympio Arthur Ribeiro da FONSECA* (já falecido), professor doutor *Alfredo do Nascimento e Silva* até octogenário em pleno vigor intelectual há pouco desaparecido e, eu, que me iniciava nas letras hipocráticas, dos antigos cultores do estudo dos prédomos da prole são abrangida, através dos séculos e que hoje é chamada para vitalizes egolátricas de qualquer falhado em outro setor, com raríssimas exceções, e terror dos que sabem.

Guardaram as páginas de *Revista*, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro as palavras que profetiza, de improbita, doutra e eruditamente, sempre escorrido, ao agradecer convidado, na "*Sala Farnhagen*", as de *Alfonso Celso*, e as de minha conferência, aos vinte e quatro de Dezembro de mil novecentos e trinta e dois em comemoração ao centenario natalício de seu genitor, que lhe herdou nome, combatividade, honradez, sapiência; qualidades impares transmitidas aos filhos, perpetuando nome ilustre há mais de centúria e meia desde *Françisco José Pinheiro Guimarães*, tradutor de *Lyvon, Pope e Victor Hugo*, enchendo as laudas da intelligencia brasileira, com o que de mais puro tem produzido o espirito nacional.

Mais as curtas páginas referidas — que esmalta os *Linhas* da Casa da História Brasileira referindo-se, ao falar nas famílias *José Figueredo, Pinheiro Guimarães e Victin Souto*, e ao papel que estes troncos de pról reprecenaram, aliadas a tantos outros, igualmente destacados, para formação da nacionalidade, marcando indelévelmente no crater da sociedade indigena, mormente no terreno da cultura, em múltiplos aspectos, — são uma síntese perfeita da gênese das sociedades desde a "célula-matãr" familiar, reveladoras do sociólogo do humanista — do valor incontestável da hereditariedade e demonstrou quanto a edificação aliada aos exemplós do lar, podem plasmar nos caracteres e continuar glórias inmortais.

Só, um aprimorado doutor da sociologia, poderia produzi-las.

Os três volumes que publicou sobre seu genitor, — médico, professor, literato (nos domínios da história, da poesia, da polémica, do romance, do teatro), soldado, herói, voluntário da pátria, (que em cinco anos de campanha

no Paraguay chegou aos bordados de general e ao cargo de ajudante-geral do comandante em chefe, pelo valor possuído e sangue derramado) — bastariam para imortalizar-lhe o nome, se já não houvesse estampado o livro magnífico em que analisa, dissecou, opina sobre o que foi e era a cultura aqui ministrada, e a reforma do ensino, conhecida pela disincencia de "*lei Ricardaria*", de que foi "*magna pars*"; bem como os extraordinários trabalhos médicos sobre *hereditariedade, consanguinidade, surdo-mudez, edemas e sua etiologia*, entre inúmeros outros, que o momento não consente sequer mencionar.

Além do "Xa esfera do pensamento brasileiro", "Um voluntário da pátria" e "General D. Francisco Pinheiro Guimarães (folha de serviços à medicina)", em que a piedade filial não cegou a imparcialidade do biógrafo e do crítico, completa o estudo da personalidade paterna, editou a "Memória Histórica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no ano de 1871" que a independência de caracter e as verdadeas duras mas necessarias, por honestas e conspirmivas em sua critica, pela seriedade imparcial do catedrático de fisiologia, haviam impedido o auticismo dominante de consentir na impressão e divulgação.

É um exemplo, para memoria de fatos...

No terreno da medicina, cumpre destacar os estudos sobre "hipertemia", "angina do peito", "patogenia dos edemas", além dos mencionados mais além, e linhas atrás.

Como critica de escol. "A embaixada de ouro" e "O Teatro Nacional".

Classico, é e sera, o livro sobre "O ensino publico". Sem rir, não existira a "lei Rivadávia" e o ensino brasileiro, não teria auferido os beneficios da lei organica 137 do ensino superior e do fundamental da República de 5 de Abril de 1911.

Se não bastassem as iniciativas mencionadas até aqui, a criação do laboratório, (em sua cadeira na *Faculdade* em que me doutorei, capaz de suprir todos os serviços da mesma *Escola*, além de offensa tecnica opina para o apendizado, e que incompreensão administrativa travou a amplitude e precípuaa finalidades) seguiu da revista "*Jl Patologia Geral*", única no género, parcella com as mais autorizadas publicações do mundo, cujo último numero, dedicado ao que lhe foi auxiliar máximo, decalque moral e intelectual de sua personalidade, este *Luiz Pinheiro Guimarães*, (a quem quero como se irmão fosse, plasmante da vida propria no exemplo paterno, e paradigma de temura filial) é modelo de coragem pessoal no terreno da polémica, em defesa de um sen que creu ferido nos direitos mais didimos, repito, sobejariam para consagra-lo. Não é preciso falar no projecto do *Instituto*, que deveria ser o complemento de sua scelle professoral e que imaginou nos mínimos detalhes, e não consentiram tornasse realidade.

Viveu entre duas mulheres: — sua mãe, de quem disse eu, ao biografiar-lhe o marido glorioso, no *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, referindo-me às cinco crianças que na orfanidade foram criadas por esta senhora, tipo da matrona brasileira: — "a obra admirável desta mãe está substanciada no brilho que tem tido até hoje o nome da família *Pinheiro Guimarães*, no *cenário brasileiro*"; — e sua esposa, *D. Quinotinha*, (concedam-me o referir-me a ela,

com o apêlido carinhoso daqueles que tiveram a dita de apreciá-la na infância, no recesso de um lar, paradigmata de casa patriarcal brasileira, ora quase desaparecido com a imitação do que é estrangeiro e portanto "circumflexo"... a quem devemos o ter-se perpetuado entre os troncos de nossa nacionalidade a obra singulár, impár da sogra, aquela senhora que se uniu ao meu saudoso amigo e mestre, e foi somente mãe, esposa, incentivadora, secretária inspiradora do marido e dos filhos.

Não é possível abster-me da transcrição de alguns períodos do meu illustre amigo e douto colega sr. Humberto Gotuzza, a respeito da personalidade para nós tão saudosa e que jamais seria olvidada, figura exemplar que conhecemos no íntimo e desejamos seja exemplo das novas gerações atuais e das vindouras:

"Não há muito tempo quando se celebrava o centário de *Pinheiro Guimarães*, romanista, poeta, professor, parlamentar, médico-gerente na guerra do Paraguay, onde foi herói, como teve sempre destaque de primeira linha nas outras atividades, deitamos-nos em comentar a figura de seu filho o Professor *Francisco Pinheiro Guimarães*, mestre illustre na medicina e na arte de escrever. Era então o professor ceniço da *Faculdade* o chefe do que chamamos a dinastia dos *Pinheiro Guimarães*: foi de um grupo brillantissimo de descendentes já nas cunhadas do cunho superior, da advocacia e da carreira diplomática."

"Mas por ter deixado filhos continuadores da elevada e nobre tradição intelectual e cívica da família, não se tornou menos sensível e lamentável o desaparecimento do que era o porta-estandarte do grupo de *Pinheiro Guimarães*. Já ainda mais agradavelmente se faz sentir o luto de que se colore agora a cultura nacional por haver o falecimento de antes-ontem ocorrido com total surpresa de quantos conheciam pessoalmente o mestre que até o último dia de vida fora sempre encontrado onde occorresse uma interessante manifestação de actividade intelectual. Nas conferencias, nas representações teatraes, nas exposições, por tória a parte onde o cérebro acesse ensajo de se deliciar, estava presente o professor que, mesmo aposentado nas cátedras, continuava a ensinar, em qualquer parte cercado pela admiração de ovíntes respeitosos e ávidos de continuar aprendendo ainda nessas ocasionais lições de um saber aprimorado pela experiência.

"Seu temperamento vivo e não raro até arrebatado possuía o poder de transmitir convicções em fórmulas nítidas e penetrantes. Herdeira de seu pai a combatividade e sempre que entrava em liza era com ardor e coerência pouco disposto às transições. Encarregado de reformar as organizações do ensino médico, investiu contra o sistema de concurso, para ascensão à cátedra, substituindo-o pela docência livre, que, começada provisoriamente degeneraria em lamentáveis facilidades que quase o impediam de ser apenas docente."

"Catedrático de patologia geral, fundou e manteve a prestigiosa revista tendo por título a da difícil materia que tantas vezes atinge as de suas obras escrevendo sobre "*Herança*". Mas de quantos argumentos haja lançado mão para demonstrar a hereditariedade nos organismos vivos nemham de certo mais

convicente do que o que éle próprio personificou — recordando as lidas qualidades de seu pai e transmitindo-as a seus filhos."

Ninguém, melhor do que éle, repito, cuja vida sofreu a influencia decisiva e benéfica de duas matronas brasileiras modelares e respeitáveis, poderia em relação à estirpe de que foi dos mais fulgidos representantes, — hífen humilhoso entre seus ancestrais e descendentes, — profrir o sempre oportuno e perfeito pensamento de *Lucretia*, infelizmente tão repetido e batido, a propósito, ou sem nemhum, a toda o instante, mas que aqui calla à perfeição — "INQUE BREVI SPATIO MUTANTUR SPECIE ANIMANTUM. ET QUASI CURSORES, VITAE LAMPADA TRADUNT".

Da mesma forma que os jovens gregos transmitiam de altar de *Proanthena* às portas do jardim de *Atalano*, o facto simbólico da vida: os *Pinheiro Guimarães*, *tem transporido* — dos tempos do *Brasil-celso*, aos do *Brasil-cristá-blica* — a joia da intelligencia e da cultura, succedendo-se harrn n osamente.

As grandes dores são mudas !...

Só o tempo que as amortecer, dar-me-á forças e coragem para escrever de-titta e langamente sobre éle, sobre *Luiz Gastão de Estragnolle Boera*, também meu mestre e amigo; dille companhia de magisterio no centenario collegio padrião, que sobre a egide do imperador-anenimo nos herdou *Bernardo Pereira de Faccincellos*, o maior legislador brasileiro de todos os tempos e sobre Henrique Alexandre Meana, de ambos amigo e também dos melhores de meu pai e dos maiores mestres de francês já possuidos pelo Collegio.

Perdoame que aqui reproduza ligeiramente alteradas quanto à forma, mas idénticas quanto ao fundo, as palavras enérgicas de minha oração glorificadora do seu genitor, o *general professor doutor Francisco Pinheiro Guimarães*, (primeiro do nome — embora um falecesse aos quarenta e quatro anos de idade e o outro aos setenta e sete; — naquela tarde primaveril do nosso inverno, em que os raios dourados do sol brasileiro sumiam no occaso, junto ao filho desaparecido, a Pátria agradece-la, — chorou —

Enquanto existir cultura, enquanto a lei imperar, a figura de Francisco Pinheiro Guimarães, será modelo a seguir e cada vez mais, sob o prisma das distancias, a contemplaremos sempre se avançando, a exemplo do que, com rara felicidade, notou Francis Jammes, quando dia a dia recordava a imágen indelevel e cada vez maior de Chateaubriand.

Um país que tem possuido e possim, entre os guias de seus gerações novas figuras do porte de meu mestre Pinheiro Guimarães, poderá ter a certeza de que sejam quans forem os emlates adversos, o futuro será grande e probo e seus filhos poderão honrar com os das mais adelantadas terras do universo, servindo de exemplo de cultura e de caracter, a exalçar o nome da patria.

Honra singulár foi para o Collegio de Pedro Segundo e a Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, ter entre as sabbas falanges dos mestres que os exalçaram a figura exemplar, paradigmata de Francisco Pinheiro Guimarães (segundo do nome), e apesar de desaparecido do nosso convívio, hoje, sua recordação é-nos sempre presente e seus ensinamentos não caíram em terra sáfara, nem sua cultura foi ahafada pelo jóio.

Rio, 23-12-1952.

## A LÍNGUA FRANCESA NO CURRÍCULO SECUNDÁRIO

**RICARDO RODRIGUES VIEIRA**

Professor Dirigente de Francês no Colégio Pedro II  
— Internato.



TÉ 1931, o ensino da língua francesa obedeceu, entre nós, ao velho método da tradução e da gramática. Ensinava-se a língua de Racine como se ela fora língua morta. As aulas eram ministradas em português e, raras, muito raras, era os professores que obrigavam seus alunos a falar e a escrever a língua ensinada.

O resultado inevitável, de semelhante estado de coisas, era que os alunos terminavam o curso sem saber falar ou escrever a língua tão mal estudada. Nem mesmo podiam eles compreender o que, por ventura, lhes fosse dito em francês.

Para tanto, muito contrariavam, sem dúvida, as poucas horas semanais de estudo mas, o método seguido, isto é, o ensino da língua viva como se fosse língua morta era o principal responsável pelo fracasso verificado naquele tempo, neste setor das atividades escolares.

Como compreender, então, que tal método tenha conseguido manter-se durante tanto tempo? É que ele possuía raízes sólidas e vinda de longe. Com efeito, já no Renascimento encontramos vestígios dele. O entusiasmo que despertou naquela ocasião, o estudo do grego e do latim era tamanho que se apoderou, por completo, do pensamento humano. Ora, já naquela época o latim e o grego eram línguas mortas e o seu estudo se fazia, nas escolas, pelo método indutivo ou clássico, método este baseado na tradução e na gramática. Assim sendo, as línguas estrangeiras, consideradas de menor importância, não tinham método próprio e eram ensinadas pelo mesmo método que o latim e o grego.

Todavia, o advento da ciência experimental veio, no começo do século atual, renovar por toda parte um ensino que se mantinha, há tanto tempo, à margem dos sistemas educativos.

O Brasil não podia ficar alheio ao movimento renovador e, embora com algum atraso, deliberou adotar, no currículo secundário, o novo sistema de ensino das línguas estrangeiras.

A reforma de 1932 cabe, e ingênuamente, a glória desta inovação. Pode-se mesmo dizer, sem exagero que, na referida reforma, a parte nova, a parte original é a que se refere às línguas vivas estrangeiras.

Ai, o reformador se agigantou e, fazendo talha rasi de tudo que existia, mandou elaborar as famosas "Instruções de 27 de fevereiro de 1932, instruções essas que introduziram o método direto no Colégio Pedro II, colégio padrão de nosso ensino secundário.

As instruções em apreço, entre outras coisas, rezavam o seguinte:

"As aulas serão dadas, desde o primeiro dia, no idioma que se tem de ensinar.

A palavra do idioma estrangeiro não deverá ser obtida pela tradução da equivalente no vernáculo, mas sim pela ligação direta do objeto à sua expressão completa e inteligível.

A língua ensinada em todos os anos do curso será a atual, corrente, a que usam os jornais, bem religião, a que empregam os escritores contemporâneos mais recomendáveis.

O ensino será ministrado por meio de quadros, livros e demais objetos que sugiram assuntos para o diálogo. Este deve ser constante entre o professor e os alunos e entre os próprios alunos, sob a direção do professor.

Haverá, outrossim, ditados sobre a matéria dos diálogos, mas sempre após a leitura dos trechos, obedecendo à sequência: ouvir e falar, ler e escrever.

O professor velará cuidadosamente pela boa pronúncia dos alunos. Para isso repetirá os elementos dos sons indicando a posição que tomam, no entanto, os órgãos do seu aparelho vocal e insistirá para que os alunos disponham pela mesma forma os seus órgãos de fonação, como no caso dos diversos valores fonéticos do *r* francês, dando, além dessa noção visual, as explicações necessárias.

As noções de gramática ministradas durante os dois primeiros anos de ensino deverão ser deduzidas pela própria observação dos discursos e nunca apresentadas pelo professor sob forma teórica ou abstrata de regras. Para este fim, e somente nos casos de extrema necessidade, poderá o professor recorrer ao idioma nacional, cujo emprego cessará imediatamente, uma vez que a compreensão se faça.

Para temas de versão ou de composição original, serão preferidos assuntos relativos à vida social e econômica da nação cuja língua está sendo ensinada, além do que se refere à sua literatura, geografia e história.

As atuais turnas dos anos em que se ensinam as línguas estrangeiras serão desdobradas em pequenas turnas de quinze alunos."

\* \* \*

Naturalmente, tamanha renovação não podia realizar-se de modo perfeito. Não era possível, por exemplo, exigir-se dos colégios particulares, sob inspeção federal, turnas de quinze alunos, no máximo, nas aulas de línguas vivas estrangeiras! No próprio Colégio Pedro II, esta medida acarretou sérias dificuldades de ordem prática e não está mais em vigor atualmente.

Por outro lado, o emprego do método direto integral, em turnas de quarenta alunos, torna-se extremamente difícil.

Nem sempre é possível, também, exigir-se que a palavra do idioma estrangeiro seja obtida pela ligação direta do objeto à sua expressão completa e inteligível. Frequentemente, é mais fácil apelar para a tradução da equivalente no vernáculo.

Ai temos um exemplo de como existe um longo caminho a percorrer entre a teoria e a prática.

Método ideal, teoricamente falando, o método direto apresenta, porém, na prática, dificuldades por vezes muito graves.

Outro problema seríssimo do método direto é o que diz respeito à formação dos professores. Felizmente, as Faculdades de Filosofia aí estão para resolver tão delicado assunto.

Enfim, é preciso não condenar inteiramente a tradução. Não é possível, honestamente, negar os serviços por ela prestados, os seus méritos. Dele devemos lançar mão com critério e no momento adequado; nunca, porém, abandoná-lo por completo.

Além, embora muitos pensem o contrário, o método direto não é incompatível com a tradução. Como muito bem diz o eminente educador Professor Carneiro Leão, em seu grande livro "O Ensino das Línguas vivas", a tradução pode e deve ser feita "quando a linguagem oral for corrente e a cultura bastante para que a presença do idioma materno não perturbe a apreensão da língua, estudada em seu sentimento nacional e próprio."

Isto não quer dizer, como muitos poderão pensar, que o método direto fracassou, que é preciso voltar ao velho método gramatical. Não, absolutamente não. Agora, levando-se em conta as dificuldades já apontadas, deverá o professor recorrer ao idioma pátrio para explicações que, no momento, não possam ser dadas pelo referido método.

## SANTOS DUMONT, ESCRITOR

**EDGARD LIGER-BELAIR**

Ex-piloto aviador



POUCAS pessoas sabem que o gênio que chamamos, no Brasil, e com justa razão, de "Pai da Aviação", SANTOS DUMONT, foi também escritor, e mesmo pode-se dizer, escritor francês. Publicou duas obras que, aliás, são atualmente raras os que têm a sorte de possuí-las, até entre seus parentes e os que foram seus íntimos. Estes livros têm por títulos: "DANS L'AIR", e "O QUE EU VI, O QUE NÓS VEREMOS". O primeiro, que é também o mais importante, está escrito em francês, e o segundo em português.

Costuma-se ainda atribuir-lhe a autoria de uma terceira obra, que saiu antes da outra, i. é, em 1901, e que, na verdade, é anônima. Trata-se de um folheto de apenas 32 páginas, intitulado "A CONQUISTA DO AR, PELO AERONAUTA SANTOS DUMONT — 1901". Foi publicado em Paris, pelo editor ALLAUD, que tantos livros em português imprimiu, e está escrito nesta língua. Contém a biografia da primeira parte da vida daquele que, apesar de muito jovem, naquela época, já era célebre, e caminhava a passos largos, mas seguros, para o triunfo.

Este opúsculo fala detalhadamente nas origens do herói, no seu pai, HENRIQUE DUMONT, filho de um Sr. DUMONT, francês, mas nascido no Brasil, e possuidor da maior fazenda de café do Brasil de então. Relata com precisão seus estudos, sua juventude, na terra pátria, e depois em Paris, seus sonhos, seus esforços.

Passa a descrever, em seguida, as experiências feitas até ajuda dada, por SANTOS DUMONT, com seus balões, estando o texto acompanhado por vários desenhos e fotografias que vêm completar admiravelmente a exposição clara, precisa e interessantíssima, das façanhas do audacioso Brasileiro que acabava de realizar a dirigibilidade definitiva das aeronaves mais leves do que o ar, conseguindo, deste modo, materializar a primeira parte dos seus sonhos de infância.

Este folheto deve ser da autoria de um amigo de SANTOS DUMONT, ou pelo menos, de um dos seus inúmeros admiradores. Talvez até se possa dizer que foi escrito por um francês, tal foi o amor que lhe dedicou imediatamente a França inteira, considerando-o como francês, e sendo que o inventor, nestas páginas, está designado sempre por seu nome de família, i. é SANTOS

DUMONT, conforme o costume francês. Está certo, por outro lado, que SANTOS DUMONT, tendo feito seus inventos e conquistado sua glória na França, celebrizasse sob o nome que lhe davam os Franceses.

De todos os modos, pode-se afirmar que esta obra não é de SANTOS DUMONT, tendo em vista os elogios que nela lhe são feitos. Pois, nunca houve homem tão enaltecido, e juntamente tão simples e modesto quanto o foi SANTOS DUMONT, mesmo nos dias mais fulgurantes de sua vida. Este homem calmo, calado, retraído, de complexão franzina, que mostrou, entretanto durante tantos anos, uma completa interperícia, deixou que a lembrança de um tímido,

O livro "DANS L'AIR", ao contrário, traz o nome do autor, simplificado como relatamos acima. E SANTOS DUMONT. É um grosso volume de 348 páginas, que foi editado pela Livraria Charpentier et Pasquelle, em Paris. Contém grande número de fotografias e desenhos executados "par M. SANTOS DUMONT", dos seus dirigíveis. Foi publicado em 1904, quando já tendo inventado a dirigibilidade dos balões, quer dizer dos aparelhos mais leves do que o ar, o aeronauta, que não era ainda aviador, se esforçava para cumprir a segunda parte da tarefa que se tinha dado por dever: resolver o problema do mais pesado do que o ar, pelo qual se apaixonara, naquela época toda a humanidade civilizada.

A capa do livro mostra a fotografia de um vôo de SANTOS DUMONT, executado no mês de Agosto de 1901, quando, com seu dirigível chamado o "SANTOS DUMONT N.º 5", dava a volta da famosa Torre Eiffel num exercício de treino, pouco tempo antes de ele ganhar, com seu "SANTOS DUMONT N.º 6", no dia 19 de Outubro seguinte, o prêmio Deutsch, de 100.000 francos ouro, destinado a recompensar o primeiro vôo de um aparelho mais leve do que o ar, inteiramente dirigido, num percurso determinado em um tempo fixado de antemão.

O livro está escrito em um francês fluente, agradável, e de fácil leitura, em um estilo exato e cheio de imagens, que mostra até que ponto o inventor era dono desta língua. Nestas páginas palpantes, narra com simplicidade e objetividade, e com esta modestia que é a característica de todos os verdadeiros sábios, toda a longa história de suas tentativas, dos seus incansáveis esforços, de suas vitórias.

Não são os primeiros capítulos os menos interessantes. Conta sua vida de criança, no Estado de Minas Gerais, na imensa fazenda do seu pai, assim como seus desejos de ser um inventor, inspirados na leitura do seu autor preferido, JULIO VERNE. É de se crer que SANTOS DUMONT sempre deu especial importância a estes sonhos infantis, sendo que volta a lembrá-los, de modo mormente, nas últimas páginas do seu livro.

Além do interesse sem par desta obra, tanto do ponto de vista técnico quanto histórico, depreende-se, da exposição simples e quase alheia dos fatos que, afinal, eram tantas façanhas, uma extraordinária lição de coragem, de tenacidade e de idealismo. Inúmeras são as reflexões profundas e de grande alcance moral.

Não deixa também de comover o leitor, a parte importante que SANTOS DUMONT consagra, no seu livro, aos aeronautas Franceses que o precederam, ou que rivalizavam com ele, e a ternura com a qual, mais de uma vez,

refer-se a todos seus mestres, companheiros, colaboradores e auxiliares, por mais humildes que fossem, quase todos Franceses, aliás, que sobtera conquistaram por sua proverbial bondade e generosidade.

Haveria gesto mais tocante do que aquele que fez, secretamente, logo depois de ter conquistado o prêmio Deutsch? Merece ser conhecido por todos. Contemplado com o prêmio de 100.000 francos-ouro oferecido por Deutsch, SANTOS DUMONT distribuiu esta considerável importância entre seus ajudantes e os pobres de Paris, não conservando nada para si próprio. Fez mais ainda. "La façon de donner vaut mieux que ce qu'on donne" reza um provérbio francês. SANTOS DUMONT, em vez de entregar tão vultoso donativo a organizações oficiais de caridade, fez questão de beneficiar, com ele, o maior número possível de pessoas. E teve esta ideia genial e comovente, de resgatar, com o mesmo, peças de vestuários, calçados, objetos de uso pessoal de toda a espécie e instrumentos de trabalho empilhados no "prego". Sete mil e quatrocentos penhores foram assim resgatados, o valor médio dos mesmos sendo de 6,75 francos cada um. A lembrança deste gesto humilde não se apagou ainda por todo na memória dos Franceses, apesar do tempo decorrido desde então, e de tantos acontecimentos trágicos.

O segundo volume que SANTOS DUMONT escreveu, é muito posterior ao outro. Saíu em São Paulo, em 1918, e tem por título: "O QUE EU VI. E O QUE NÓS VEREMOS". Muito menos importante, pelo tamanho, pois trata-se de um folheto com apenas cem páginas, e escrita em português, esta obra é tão interessante quanto a precedente. Com efeito, contém um resumo de todas as experiências de SANTOS DUMONT, tanto com seus balões quanto com seus aviões. Numerosos parágrafos, nêle, também, são consagrados aos primeiros aviadores Franceses que conheceu, e que, mais do que seus rivais, foram sobre tudo seus amigos e mesmo seus colaboradores.

É nestas páginas que podemos ler a resposta que dirigiu aos que pretendiam lhe negar, injustamente, a glória de ter feito o primeiro vôo inteiramente dirigido, executado por um aparelho mais pesado do que o ar, tornando-se assim o piloto aviador N.º 1. Na sua simplicidade objetiva, esta resposta é de tamanha dignidade que podemos nos admirar em ver ainda contestado o fato histórico que colocou SANTOS DUMONT entre os maiores inventores da humanidade em todos os tempos.

Infim, e tal como, aliás, o título o indica, o autor termina fazendo várias considerações sobre as possibilidades e probabilidades da aviação, muitas das quais já se realizaram, provando assim que este genial Brasileiro que soube tão bem imaginar, querer e realizar, quando vivo, sabia não menos bem, prever o futuro.

*Seção dos alunos*

I  
N  
T  
E  
R  
N  
A  
T  
O

## MACHADO DE ASSIS, MESTRE DE LETRAS

JOSÉ CONSTANCIO ATHAYDE

2.<sup>a</sup> série do curso clássico



O referir-me ao nome de Machado de Assis, venho render-lhe um preito a que ele bem faz jus. Quem acompanhou de perto as peripécias e transeps emocionais de Bentinho, Capitu e Escobar, jamais olvidará aqueles momentos sublimes de elevação da alma, onde, por inveríveis paradoxos, subimos ao paraíso, qual Dante com Beatriz, e descemos às nebulras apavorantes dos infernos percorridos pelo mesmo Dante, conduzido por Virgílio, a mantuano. Quem per-lustra, através das páginas amarelcidas, pela alma do escritor, há de ter a profunda lição psicológica e a trama emocional sobejamente urdida.

Não é ao malato epiléptico que tecemos tantos elogios, não é ao velho literato que dirigimos nossas atencões críticas, nem ao fundador da Academia Brasileira de Letras, nem ao mais perfeito dos homens de letras do país. É mais a D. Casimiro, é mais ao treslioncado Quincas Borba ou ao cômico Brás Cubas, que me curvo numa profunda reverência, por reconhecer nêles aqueles que tornaram fructuosas as horas de minha adolescência, ao virar das páginas do escritor carioca.

Machado soffria de apatia profunda talvez originária do tempo de menino, onde não tivera

“...aquela infância querida  
que os anos não trazem mais...”

de que fala o poeta. Daí, talvez, o seu pendior pícaro-seo transparecendo ninha e nitidamente nos seus escritos. Sofrendo muitíssimo, somente graças à sua perseverança e ao seu gênio, pôde assomar aos píncaros azulados e abruptos da áspera montanha da vida.

No ponto de vista da prosa, Machado é soberbo, soube atingir ao cerne da alma humana, retratando suas laixezas, seus sentimentos novelosos e toda sorte de sensibilidades peculiares aos descendentes de Adão.

Poeta, foi excelente, produzindo obras de fundo filosófico, de enredo amoro-roso ou macambúzio, alegre ou pausado, ou de qualquer outra modalidade, que temos como obras-primas das letras poéticas no Brasil. É o autor do “Circulo Vicioso” onde por habilitíssima metáfora — alhá peculiar à sua pena — pinta,

em côres vivas, a realidade, despiñola-a de sua roupa de hipocrisia e mostrando seu corpo desnudo e sórdido.

Sua lira era tangida, por vèzes, por alma Romântica e, "A Carolina", só-nêto bellissimo, pode testemunhar a beleza e a sanidade inorredoura de sua amada, às Regiões etéreas elevadas.

"...Querida, ao pé do leito derradeiro  
 Em que descansas desta longa vida,  
 Aqui venho e viro, pobre querida,  
 Trazer-te o coração do companheiro..."

Um soneto como êste, dêste teor, tão sentimental e navioso, só encontramos numa raridade literária, naquela expressão genial da terra lusitana — "Cancões":

"...Alma minha gentil que te partiste  
 Tão cedo desta vida descontente,  
 Repousa lá no céu eternamente,  
 E viva eu cá na terra sempre triste..."

Imbuído de completa erudição, venho-lo traduzindo o Corvo de Poe, com tanta justeza de explanação, que perpetua o "Nevermore" e dá vida ao "quemino que negra", talvez com mais eficácia que o próprio autor.

Nas suas múltiplas funções literárias, em tôdas brilhou como sou ser comumente, mas, diga-se de passagem, sobrepunou a todos e a tudo, no que diz respeito ao conto. "Contos Fluminenses", "História da Meia-Noite", "Histórias sem Data" e "Várias Histórias", dão-nos o conto na sua mais alta aceção de forma e conteúdo. Leia-se "Aurora sem Dia" e quele-se extático ante tão correta explanação de circunstâncias, casos e fatos...

Ensaiista, apresenta em suas "Páginas Recolhidas", o ensaio montaigneano, preciso, justo, simbólico e, sobretudo conciso a ponto de por sua leitura fazer quase ver a cena descrita, tão nitido o conjunto de alegorias, anástrofes, hiperbatos e tôda esse reunião de pequenas belezas difundidas pelos sofistas gregos. O "Velho Senado" atesta isto de forma cabal, retutando quaisquer argumentos à pena de Assis.

No romance seus tipos são categoricos. Capim, antítese de Desdémnia, retrata a mulher pérfida, fingida e verdadeira corrigionária de Iva. Seus "olhos de cigana olijuna e dissimulada" cujo sentido Bentinho não entendia, são como um aviso em letras garrafaís e berrantes, alertando os incautos contra seus sentimentos retráteis e anfractuosos.

De acôrdo com H. Pereira da Silva, ensaista de critério, em seu livro "A megalomania Literária de Machado de Assis", o escritor era morbidamente megalomano. De origens mesquinhas e meios de vida restritos, tenta incutir, freqüentemente, no leitor, o sentimento de esquecimento, para com o seu passado, ao tratar de Bentinho, menino rico e mimado e Brás Cubas, ricoço e folgazão.

Se Shakespeare arca com o gládio e a panóplia literária da Inglaterra, Victor Hugo com a da França e Goethe com a da Alemanha, Machado sustenta, qual Atlas, o peso e a honra de tôda uma literatura ocidental, a brasileira.

Renda-se, pois, justo preito àquele que soube elevar a sua pena à altura de uma alma democrática e apaziguadora no meio social, político e literário do país.

(Discurso pronunciado na "Hora Literária", de 7-8-52, do Grêmio Literário e Recreativo Pedro II).

## MALABARISMO CIRCENSE

(Crónica)

**JÓRIO DE OLIVEIRA**

(1.ª série do curso Clássico)



**HOMEM** passa e lança um olhar.

À sua frente aparece uma gigantesca armadilha, multicolorida, profundamente iluminada e com enormes letras a dizerem de sua finalidade: **CHIRCO**. Outros dizem ainda, esclarecendo ter o mesmo vindo de além-mar.

Aos seus lábios aflora-lhe um sorriso irónico. Ele não compreende porque veio um circo de terras estranhas. Para que? Se o próprio Rio de Janeiro já é um circo! Com seus trapézistas e equilibristas talvez mais hábeis e capazes de proezas talvez ainda mais incriveis que aquelas dos cartazes. Ele próprio faz parte desta "troupe". E, diga-se de passagem, seu malabarismo nada fica a dever aos que trabalham sob os aplausos da plateia. Estes ainda têm, ao fim das suas exhibições, as calorosas palmas que são o prémio de seus esforços. Mas aquele, colado, não passa de um pobre anónimo entre a multidão.

Ainda bem não alvoreceu o dia e já ele está de pé. Dentro em pouco entrará em cena. Agora chegou a vez de preparar-se. Sua roupa, porém, não é de cetim amarelo, vermelho ou azul brilhante. Não, absolutamente, apenas uma camisa, uma gravata... Enfim, uma veste comum. Uma veste que nem ele próprio sabe quando dará lugar a outra.

Depois disto, e após sorver seu leite aguçado e seu pão dormido, despede-se de sua bem amada, que lhe deseja boa sorte.

Humilde, nosso herói aguarda, naturalmente, uma condução popular, neste caso o bonde. Tendo o mesmo chegado, é agora que terá início seu malabarismo. O primeiro grande problema de nosso amigo é achar um lugar onde possa segurar-se, e com uma só mão, pois da outra pende sua inseparável pasta. Além disso rapidamente, porque já alguém gritou: "Vamos, não posso perder tempo". A primeira

vista parece realmente uma proeza difícil, senão quase impossível, mas a verdade é que o bonde partiu e, surpresa das surpresas, levando seguro a si o pobre homem. Proeza realmente digna de um grande trapézista.

Agora chegon, talvez, o momento mais difícil para ele, o instante máximo de seu número em que terá de empregar todos os seus recursos malabarísticos. A hora de pagar. Mas ele não se perturba. Ele possui o sangue frio de um verdadeiro equilibrista! Uma de suas mãos, a direita, exerce duas funções: trez de seus dedos seguram-se ao bonde nos dois restantes encontra-se a alça de sua pasta. Com a mão esquerda tira do bolso o porta niquéis e denotando extraordinária habilidade nos dedos consegue, finalmente, apANHAR a preciosa moeda.

Alé que chegue ao término da penosa viagem ele proseguirá realizando malabarismos tão prodigiosos quanto este.

Sob a lona o trapézista poderá errar o salto porque sob ele estará uma rede de protecção. Se isto ocorrer, amanhã, quando obtiver sucesso no mesmo número, a plateia que antes o vaiara agora o aplaudirá. O mesmo já não acontece com o equilibrista do bonde. Ele sabe muito bem que se falhar poderá ser impiedosamente castigado pela Morte.

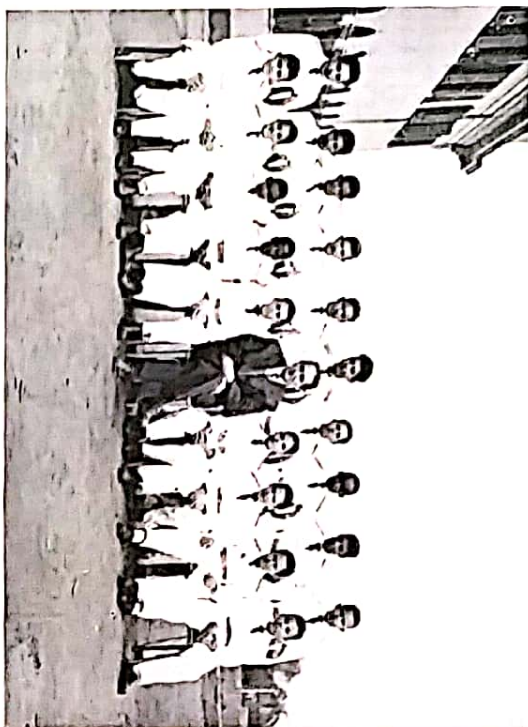
Mas não é somente nisto que o Rio se assemelha a um circo.

Lá existem leões, tigres, elefantes? Mas não temos nós os "tubarões" que sugam nossas economias até o último tostão?

Lá exibem-se palhaços? Quantos nessa cidade maravilhosa não se dizem sérios e no fundo têm almas de palhaço?

Lá exibem-se mágicos? Mas então não é mágico quem, ganhando pouco, consegue vestir-se e aos seus?

É por haver na metrópole carioca tantos malabaristas "tubarões", palhaços e mágicos que eu cheguei à conclusão de que... o Rio de Janeiro é um circo.



1.ª Sessão das Cursas Ginasiaes



1.ª Sessão das Cursas Ginasiaes

## OLAVO BILAC, "O PRÍNCIPE DOS POETAS BRASILEIROS"

DOMICIO PROENÇA FILHO

2.ª Série do Curso Clássico



ESCOLA parnasiana surgiu brilhante, representando a reação realista nos amplos caminhos da rima e da métrica.

O realismo combatia, na prosa, os excessos dos românticos; não permitia seus devaneios fantasiosos, contrariava o *Dieu, la nature et moi*, substituindo-os pela representação fiel da realidade.

Não admitta, em páginas realistas, o vaguear do escritor por caminhos da sensibilidade, por trilhas emocionais.

Na poesia, este sentimento de revolta à decadente escola romântica surgiu rigoroso, severo, através do denominado painasianismo.

E, entre os representantes desta escola nova que nasceu, passo a passo com Alberto de Oliveira, Raimundo Correia e outros, apareceu um escritor que se enfiaria mais tarde com os outros de príncipe dos poetas brasileiros": era Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac.

Nascido a 16 de dezembro de 1865, foi este cultivador da "arte pela arte" uma das maiores glórias literárias da pátria brasileira.

Planejara seguir a nobre carreira de escultor, mas as letras o atraíram, e, muito jovem ainda, publica o seu primeiro volume em versos e os elogios da crítica constituem o seu apanágio, o seu maior estímulo.

Abertas que foram as portas do pensamento para libertar a inspiração fecunda, tem início a sequência magistral de poemas e sonetos que constituirão a sua grande obra.

"Pânópias", "Sarcas de Fogo", "Via Láctea", são brilhantes raros lapidados pela preocupação do parnasiano na busca do perfeito.

Não possuía Bilac o entusiasmo hugoniano ou a morbidez fúnebra característica dos seguidores de Byron.

Tinha, sim, o sentimentalismo vivaz e agradável, que a par de um estilo fresco, nobre e fulgurante, faz de suas poesias estes primores, estas maravilhas da língua portuguesa.

Admirador entusiasta da Beleza, cantava, com o talento "magi-  
noso e fino" que lhe era tão peculiar, tódas aquelas minúcias que  
constituem o belo da Natureza.

Como éle próprio nos diz em sua "Profissão de Fé", o poeta par-  
nasiano é o aprimorador metódico o purista do verso.

E éle assim o foi. Vemo-lo pujante em "Hino à tarde", em "Va-  
nílias" e, sobretudo, no admirável "O Caçador de Esmeraldas" onde  
embora não alcançasse o valor de um Camões, nos dá em versos ri-  
camente belos toda a realidade da epopéa bandeirante.

E com que felicidade de expressão nos diz do valor daqueles ho-  
mens, valorosos desbravadores do sertão, que irrompiam, denodados,  
por caminhos imvios, desvirginando as belas e perigosas selvas bra-  
sileiras.

A narração da morte de Dias Pires Leme é soberba:

"Fernão Dias Pires Leme agoniza. Um lamento  
Chora longo, a vozar na longa voz do vento.

Mingem solurnamente as águas, o céu arde.

Transmonia fulvo o sol. E a natureza assiste,

Na mesma solidão e na mesma hora triste,

A agonia do herói, e a agonia da tarde.

.....

Assim foi Olavo Bilac, o poeta brilhante, o escritor notável, o pa-  
triota do ensino civico, que, admirador profundo e entusiasta da sua pá-  
tria, não podia deixar de honrá-la nos seus versos, e, por isso, es-  
creveu esta página que é um hino à terra brasileira:

Amã com fé e orgulho a terra em que nasceste !

Criança ! não verás nenhum país como este !

Olha que céu ! que mar ! que rios ! que floresta

A Natureza, aqui, perfeitamente em festa.

E' um seio de mãe a transbordar carinhos:

Vê que vida há no chão ! Vê que vida há nos ninhos,

Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos !

Vê que luz, que calor, que multidão de insetos !

Vê que grande extensão de matas, onde impera,

Fecunda e luminosa, a eterna primavera !

Boa terra ! jamais negou a quem trabalha

O pão que mata a fome, o tecto que agasalha...

Quem com seu suor a fecunda e unedece,  
Vê pago seu esforço; é feliz, e enriquece !  
"Criança ! não verás nenhum país como este:  
Inlta na grandeza a terra em que nasceste !

(Trabalho apresentado na "Hora Literária" do Grêmio).

CASIMIRO DE ABREU

ANTONIO ORLANDO DOS SANTOS MACHADO

3.ª série do curso científico



O quarto dia do ano de 1837, no lugar do Estado do Rio denominado Barra de São João, nasceu uma criança que estava destinada a uma das mais brilhantes carreiras literárias no Brasil — Casimiro José Marques de Abreu.

Seu pai, homem de negócios, embrutecido pela profissão, contrariando as tendências literárias claramente expressas no filho, fê-lo trabalhar no seu escritório comercial em 1852, antes mesmo que o jovem pudesse concluir seu curso de humanidades.

As luctuações da vida do comérnico mostrava-se de todo avêssas, lutando contra a fôrta vontade paterna, só a furto lograva dedicar-se às letras. Poeta nato, essa brutal opposição ao seu idealismo poético, calou-se-lhe fundo no coração, acarrelando-lhe dias de profundo amargor.

A tísica pulmonar arrebatou-o na flor da idade. Definhando dia a dia foi para a Europa, onde Portugal lhe acenava, para restabelecer-se da doença que o minava.

Lá em plagas distantes ficou três aos e nove meses. Longe do Brasil, sua alma de bardo apaixonado veio à tona extravasando-se em belíssimos poemas. Qual Gonçalves Dias o fizera um dia, escreveu sua canção do exílio, a poesia "Meu Lar", onde, em notas plangentes, chora a mágoa da pátria longínqua.

"Se eu tenho de morrer na flor dos anos,  
Meu Deus! Não seja já  
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,  
Cantar o sabiã!"

As saudades de sua terra natal são profundas e devoradoras. E então na flor da idade com a alma a se despedaçar de tristeza, escre-

ve uma das mais sentidas páginas das Letras Brasileiras. Seu filho condiz perfeitamente com seu sentimento interno: "Saudades".

"Então — proscrito e sózinho —  
 Eu solto nos ecos da serra  
 Suspiros dessa saudade  
 Que no meu peito se encerra.  
 Esses prantos de amargores  
 São prantos cheios de dores;  
 — Saudades — dos meus amôres  
 — Saudades — da minha terra!"

É um poeta de rara sensibilidade artística e fino lirismo romântico. Sua lira é fértil e sublime, e atinge, não raramente, as raízes da verdadeira beleza poética.

Não tendo de Castro Alves aquele arrebatamento juvenil que o caracterizou, é quase irmão do poeta baiano nas suas estrofes amorosas. Quase nunca encontramos em Casimiro aqueles surtos de violência épica do abolicionista fervoroso.

Pepita, musa inspiradora dos dois vates, é por eles cantada em sua beleza de maneira impressionantemente semelhante, já pelo versar simples e singelo, já pelas construções amorosas do mesmo leor. Escreve Castro Alves ao concluir o "Laço de fila", talvez sua maior produção literária:

"Pois bem! Quando um dia na sombra do vale  
 Abrirem-me a cová... formosa Pepita!  
 Ao menos arranca meus louros da fronte  
 E dá-me por c'roa...  
 'Teu laço de fila."

Casimiro, ao exaltar sua amada Pepita, deixa gravados os traços de seu amor fervente:

"Oh! vem! eu sou a flor aberta à noite  
 Pendida no arrebol!  
 Dá-me um carinho dessa voz lasciva,  
 E a flor pendida s'erguerá mais viva  
 Aos raios dêsse sol!"

Sua melancolia atinge o paroxismo na poesia "Meu Livro Negro". As "Horas Tristes" são consideradas como um de seus mais belos poemas, pela beleza de construção e maviosidade de linguagem:

"Eu sofro e esta dor me atormenta  
 É um suplício atroz!  
 E p'ra contá-la fallá-me à lira cordas  
 E aos lábios meus a voz!"

Senlindo a morte perto, o pai de Casimiro chama pelo filho. Este chega. Então, já moribundo e semi-inconsciente ele pede, como último desejo, que seu filho recite alguns de seus primeiros versos.

Morto o pai de Casimiro, o poeta é presa de uma dor indefinível e em sua fazenda em Indaiatubá, onde escrevera a maior parte de seus versos, sente aproximar-se o fim. Apenas com 22 anos morreu o autor das "Primaveras".

A grande maioria dos autores considera Casimiro como escritor pouco coerente, mas todos reconhecem que seus mais maviosos acordos sa- bem o caminho do coração.

## FECUNDAÇÃO

JOÃO BATISTA BRAGA TEIXEIRA

2.ª série do curso científico



FUSÃO do elemento reprodutor masculino, com o elemento reprodutor feminino, dando origem ao óvulo ou zigoto, denominada fecundação.

A união desses dois elementos não pode se realizar, sem que haja um certo número de atos preliminares, que têm por objetivo, pô-los em contato.

A fecundação compreende três fases sucessivas:

- 1.ª) Transporte do pólen da antena até o estigma ou polinização.
- 2.ª) Marcha do gameto masculino desde o estigma até a esfera.
- 3.ª) Fusão dos gametos ou fecundação propriamente dita.

### POLINIZAÇÃO

A polinização pode ocorrer de três maneiras: diretamente, indiretamente e artificialmente.

A polinização é direta, quando o pólen de uma flor passa ao estigma da mesma flor e, isto só é possível, naturalmente, nas flores hermafroditas.

Em muitas flores, uma disposição particular facilita ou assegura a polinização direta: umas têm estames em contato direto com o pistilo; outras possuem o pistilo muito mais longo que os estames, de tal modo que, o pólen ao sair, cai diretamente sobre o estigma.

Conhece-se também, um certo número de plantas, tais como a "hoasiaca", nas quais os estames fazem-se móveis no momento da fecundação e inclinam as antenas até tocar o estigma.

Por fim, a polinização é forçosamente direta em algumas flores, como nas violetas, em virtude da queda do pólen sobre o estigma, se fazer antes da abertura do perianto. As essas flores, damos o nome de *chistogamas*.

A polinização é indireta, quando o pólen de uma flor fecunda os pistilos de outras flores, na mesma planta, ou em plantas vizinhas da mesma espécie. O pólen pode também fecundar as flores de uma planta de espécie diferente, porém é necessário que esta planta, seja semelhante à que dá o pólen. Neste caso, diz-se que houve cruzamento e as novas plantas originadas pelas sementes formadas nestas condições, possuem caracteres novos, dados uns pela planta mãe do pólen e outros, pela planta mãe do óvulo. Chamamos de "híbridas" a essas plantas.

A polinização indireta, tem lugar também, frequentemente, em certas plantas com flores hermaphroditas, nas quais os estames não maduram ao mesmo tempo que os óvulos; se as tem classificado por essa razão com o nome de dicógamas.

O transporte do pólen pode se efetuar, pelo vento ou pelos insetos.

Tem determinadas plantas, o transporte do pólen tem lugar antes da formação das folhas, o que acontece, naturalmente, a probabilidade da chegada do mesmo, às flores femininas. Tem-se visto palmeiras femininas fecundadas por palmeiras masculinas situadas a mais de cem metros de distância, num mesmo parque. A polinização sempre se produz de um modo precário, quando sobre-vem chuvas, as quais aglutinam o pólen na flor e detêm a disseminação.

A disseminação do pólen é feita normalmente por certos insetos, como as abelhas, mariposas, moscas, etc. Estes insetos são atraídos às flores por diferentes causas: os perfumes, os nectares e outros fatores.

Os insetos se guiam sobretudo pelo olfato e as flores artificiais empregadas com essências atraem um número maior de insetos, que as flores naturais da mesma forma e cor, porém desprovidas de perfume. As flores de cores vivas ou de grandes cores, são igualmente as mais visitadas por esses insetos. Outras cores parecem atraí-los mais, particularmente o roxo.

Os nectários são pequenas glândulas, situadas no fundo da flor, na base do pistilo ou dos estames, que produzem o nectar, reserva nutritiva de sabor adocicado utilizado mais tarde pelas sementes, ao se desenvolverem.

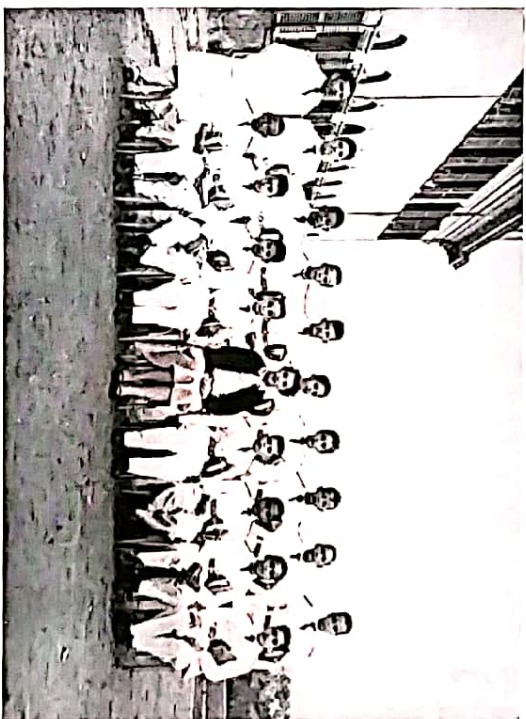
Em todos os casos, quaisquer que sejam as causas que atraem os insetos às flores, estes retiram sempre grãos de pólen das mesmas, presos as suas asas, pés ou bico e quando mais tarde dirigem-se a outras flores, é muito raro, que não fiquem aderidos aos estigmas viscosos destas últimas, alguns grãos de pólen. Existem flores, nas quais a visita dos insetos é absolutamente necessária, para assegurar a fecundação.

Como exemplo típico temos as orquídeas, em que os grãos de pólen em lugar de serem pulverulentos, estão aglutinados sob a forma de duas pequenas massas viscosas, que o vento é incapaz de desprender, porém que se pegam facilmente, ao corpo dos insetos que visitam a flor.

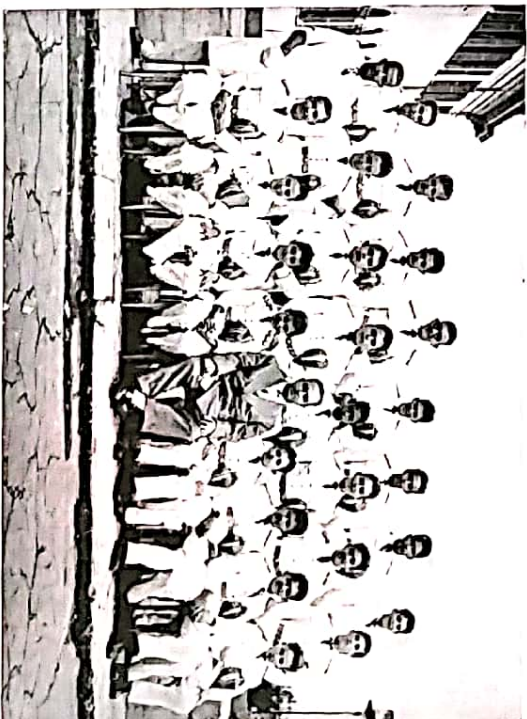
As fanerógamas aquáticas, formam sempre as flores fora d'água e a fecundação se efetua no ar. Um dos casos mais interessantes, a este respeito, nos é dado pela "Vallesneria Spiralis", que vivem submersas e é dióica. No momento da reprodução, as flores masculinas rompem o curto pedúnculo e vão se abair na superfície da água; ao mesmo tempo, as flores femininas alargam este mesmo órgão que se encontra enroscado em espiral e vão da mesma maneira abrirem-se fora d'água, entre as flores masculinas. As são então fecundadas pelos grãos de pólen, trazido até elas, pela água. Uma vez terminada a fecundação, os pedúnculos se retraem novamente e levam as flores femininas ao fundo da massa líquida, onde maduram em seguida os frutos.

A polinização artificial é feita pelo homem e consiste em transportar o pólen, até os estigmas das flores que se quer assegurar a fecundação.

A experiência tem demonstrado, que a fecundação artificial não tem lugar, senão, quando a polinização é realizada entre flores de uma mesma espécie de plantas, ou então, de espécies próximas e mais raramente entre grupos afastados.



1.ª Serie «C» do Curso Ginasial



2.ª Serie «A» do Curso Ginasial

MARCHA DO POLLEN DESDE O ESTIGMA ATÉ MICRÓPELA

Uma vez caído sobre o estigma, o grão de pólen é retirado pelas pontas da exina e pelo líquido viscoso que tem segregado as papilas estigmáticas. O pólen é então absorvido pelos poros da exina e começa a germinar, dando origem ao tubo polínico.

A medida que se desenvolve este tubo, a extremidade inferior do mesmo, acaba por chegar à parede do ovário. Como existe um número elevado de tubos polínicos que se desenvolvem sobre um mesmo estigma e que se vão alargando em seguida até o ovário, sempre um deles termina por encontrar o funículo de um óvulo, ao largo do qual se arrasta, indo chegar finalmente ao micrófila.

Os óvulos invertidos e curvos, cujo micrófila se acha voltado para o lado da parede do ovário, se encontram em melhor orientação para a fecundação, que os óvulos retos.

FECDUNDAÇÃO PROPRIAMENTE DITA

O tubo polínico ao chegar ao fundo do micrófilo continua avançando e gelificando à sua passagem, as células da nucela e a sua parede termina, por chegar em contato com o saco embrionário.

Neste momento, o núcleo vegetativo do tubo polínico, desaparece completamente.

Por seu lado, a célula geratriz se divide em dois núcleos: o posterior e o anterior. Ambos são gametos masculinos. O núcleo anterior vai se unir a esfera e dar origem ao óvulo ou zigoto, enquanto que o posterior, vai fusionar o seu núcleo com o núcleo do saco embrionário, formando o segundo óvulo.

É importante notar, que a fusão dos dois núcleos do gameto, não cria um núcleo duplo e sim um núcleo normal.

Nas aquecenas, onde estes fenômenos têm sido estudados, estabeleceu-se com efeito, que o núcleo da oosfera e o núcleo do gameto masculino não são, na realidade, mais que núcleos meílios e que a união dos mesmos não faz mais que constituir um núcleo normal.

Todo o resto do tubo polínico se destry em seguida, depois de haver nutrido e transportado os gametos masculinos. As sinérgidas se atrofiam igualmente, após a fecundação e são utilizadas como material nutritivo, pelo óvulo.

Resumindo o estudo da Fecundação temos:

- direta — quando o pólen de uma flor cai sobre o estigma da mesma flor.
  - indireta — quando o pólen de uma flor fecunda o pistilo de outra flor, da mesma planta ou de outra planta vizinha, em cujo caso o pólen é levado pelo vento ou insectos.
- 1.ª Polinização
- artificial — consiste em sacudir os estames maduros de uma flor sobre os estigmas de outras flores da mesma espécie.

Marcha do pólen desde o estigmas até o micrófilo

O grão de pólen é retido no estigma pelo líquido viscoso que segregam as papilas estigmáticas. O grão de pólen é absorvido pelos poros da exina para germinar, originando o tubo polínico: Este tubo penetra por entre as papilas no tecido condutor, que lhe serve de guia e alimento, até chegar o micrófilo.

Fecundação propriamente dita.

Um dos gametos masculinos que levou o tubo polínico até o óvulo se fusiona com a esfera constituindo a célula óvulo, que se cobre de uma membrana celitóstica. O outro gameto vai fusionar seu núcleo com o núcleo do saco embrionário, formando o segundo óvulo.

## O ROMANTISMO EUROPEU E O AMERICANO

VICENTE FRANCISMAR DE OLIVEIRA

1.ª série do curso científico



romantismo apresentou-se em lódas as suas facetas com uma feição eminentemente nacionalista. Abandonados os heróis caducos da Grécia e de Roma, os escriptores buscaram inspiração no passado de sua pátria e nas lendas folclóricas regionais. Procurava-se escrever para o povo e, principalmente, sobre o povo.

O gosto popular não admittie o drama clássico com heróis protegidos dos deuses e de existência irreai; mas é certo que saboreia um êrdo "água com açúcar", que lisonjeie o seu sentimentalismo ingênuo.

E ai poderio replicar-nos que os heróis dos românticos não são menos inverossmes que os dos clássicos; mas ainda assim há um mérito no romantismo quando transferiu os feitos dos Aquiles para personagens humanas, sujeitos aos mesmos sentimentos de amor, de ódio e de sofrimento. Diferença radical, pois, entre uma coisa e outra. Demais, é preciso não esquecer que o povo se contenta com pouco; podemos compará-lo, nêsse particular, às crianças que julgam manar quando têm uma chupeta na boca.

Uma análise mais profunda da natureza do homem mostrará que as suas aspirações principais se reduzem a duas: bom êxito nas aventuras amorosas e vitória nas escaramuças guerreiras.

Eis uma verdade a que se não pode fugir.

O amor é a mola que move o mundo, apresenta-se êle na forma carnal ou mística. Nada vivemos, senão pelo amor; se nos desprezamos a nós mesmos, é que amamos o desprezo; se desconfiamos e duvidamos de todas as coisas, é que somos sécticos e amamos o ceticismo; enfim, tudo se reduz a confissões de amor, ainda quando se nega o amor.

Passando no outro polo, veremos que, hoje em dia, a força muscular e a agilidade pessoal desaparecem diante do poder das máquinas de guerra. Não se cogia do manço da espada; para a luta, basta saber graduar a alça de mira do canhão. O efeito da metralhadora é o mesmo, não importando se o dedo que a aciona é forte ou fraco.

Tempos houve, porém, em que a vida do homem estava na fôrça da sua mão, e a vitória, na ponta do seu florete.

Mas isso foi em épocas que se perderam na névoa dos anos. Tais costumes desapareceram, submelidos à maré da civilização. Desapareceram os hábitos, na verdade; restaram, entretanto, no interior do homem, alguns resquícios de um sentimento a que chamaremos, corrigindo a fórmula de Nietzsche, de **VONTADE DE VENCER**.

### O ROMANTISMO EUROPEU

O romantismo foi, como já dissemos, uma escola que procurou, por todos os meios, explorar as preferências do grande público. E, se era um movimento essencialmente psicológico, leria, por força, de tomar os dois sentimentos a que aludimos acima, e transformá-los em cavalo de batalha. Nisso consiste, precisamente, o seu aspecto nativista e profundamente humano.

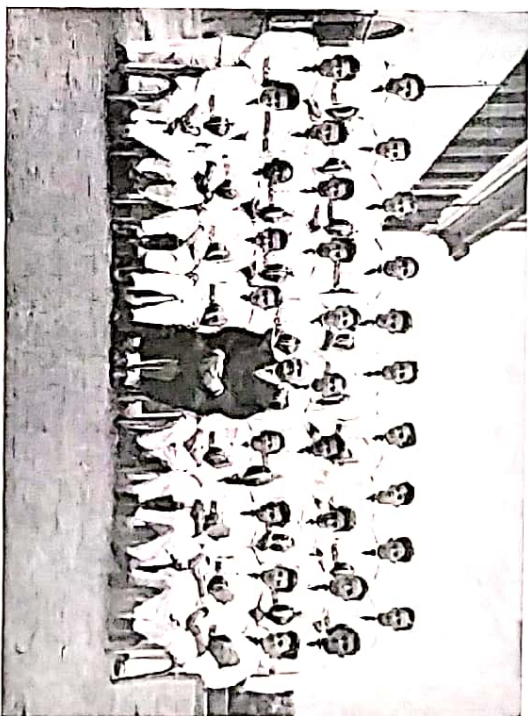
Compreende-se, portanto, que o romantismo se dividisse em dois ramos mais ou menos distintos: o *lírico* e o *histórico*.

O lirismo romântico foi o filão mais explorado na inesgotável mina da imaginação humana. Mas êle não se mantém numa linha uniforme e fixa; pelo contrário, varia indefinidamente, tem matizes próprios, e uma graduação bastante elástica. Principando nas lamelas de LAMARTINE e MRSSET, atravessa a melancolia desesperada do "Chatterton" e atinge por fim, em Byron, a revolta interior contra os costumes e instituições sociais. Misturado a tudo isso vem um ténico misticismo, de que a poesia de LAMARTINE é um exemplo frisante. Em MRSSET o sentimento religioso aparece mais accentuado no fim da vida; lá se curva êle sobre o Evangelho, a chorar, arrependido de todas as suas paixões mundanas. É CHARLEVOIX, o precursor do romantismo, assembla-nos com "O Génio do Cristianismo".

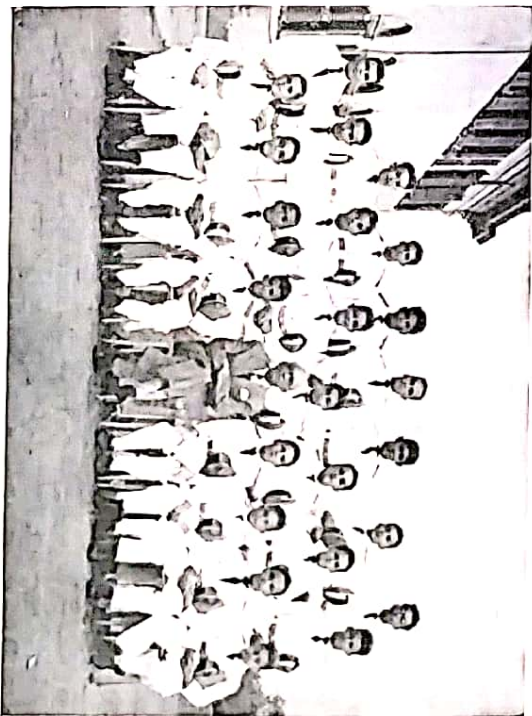
Quanto ao outro ramo lírico, o do romantismo histórico, que se denomina communmente de "novela histórica", pôsto seja um movimento numericamente menor do que o lírico, não é menos illustre pela sua força criadora e imaginativa. O chefe espiritual desse grupo foi WALTER SCOTT, um escocês de ascendência nobre. Nas suas páginas lê-se vertida todas as histórias de guerras e torneos que ouvira na sua juventude; mas a verdade é a ficção estão aí de tal modo confundidos, que não se sabe ao certo onde termina uma e começa a outra.

Portugal, ainda que um pequeno pedaço de terra, não se manteve indifferente ao movimento de WALTER SCOTT. ALEXANDRE HERCULANO, ao escrever o "Eurico", relatou-nos, de maneira romancada, a luita que os visigodos sustentaram com os árabes, em defesa da Península Iberica.

A propria Polónia, que na literatura é um país de segunda categoria, legou-nos a personalidade insigne de SHASKIEWICZ, autor do "Quo Vadis". Êle pintou nesse livro, com a nitidez de uma tela, a socie-



2.ª Serie -Bs do Curso Ginasial



2.ª Serie -Cs do Curso Ginasial

dade romana da época dos mártires, os seus sofrimentos e desmemor diante da morte. É uma epopéia da fé.

Poderíamos citar ainda outros escritores. Só com os que já estudamos, porém, fica esclarecido que o romantismo europeu se bifurcou em dois ramos laterais, como os galhos da mesma árvore: o romantismo lírico, puramente subjetivo, e o romantismo histórico, meio fictício, meio real.

#### O ROMANTISMO AMERICANO

Quando o romantismo irradion da Europa para o Novo Mundo, encontraram nos escritores americanos uma maleabilidade de espírito digna dos mestres. Por toda parte havia discípulos das duas correntes românticas, com as mesmas características:

Os líricos, muito chorosos, cantando as suas infelicidades inexistentes, conturaram, aqui também, a tarefa iniciada pelos poetas franceses, ingleses e alemães.

Tudo se fez de acordo com os moldes já estabelecidos: a saudade da pátria, com o seu rosário de lágrimas, aparece em *CASIMIRO DE ALMEIDA*; um Victor Hugo-mirim, seguiu as pegadas do mestre e filiou-se ao "condoreirismo", espécie de lirismo declamatório; e o estudo social, de que *GEORGE SAND* nos deixou tão belos exemplos, encontra em *JOSÉ DE ALMEIDA* um dos mais altos representantes, em obras tais como "Diva", "Lacônia" e "Senhora".

O grande problema surgiu quando alguns escritores, entusiasmados pelos métodos de *ALEXANDRE HENRI LAMO* e *WALTER SCOTT*, pretenderam escrever romances históricos.

Que solução se poderia encontrar para uma dificuldade que era por si insolúvel? A América, ainda na flor da existência, não possuía história alguma, senão a do próprio descobrimento. Onde encontrar então a tradição do povo? onde as lutas do país? onde os fatos históricos? Que tema poder-se-ia versar? Havia, na verdade, a ideia de escrever; mas, e a rompageim para vestir a ideia?

Perguntas, como se vê, de resposta difícil, quando não impossível.

É certo que *JOSÉ DE ALMEIDA*, fazendo uso dos seus inúmeros recursos literários, conseguiu retratar a sociedade baiana do século dezesseis, em "As Minas de Prata". Mas isso era fonte pouco profunda e logo se esgotou.

O problema persistia e não se lhe encontrava uma solução adequada, até que o indígena entrou em cena. Então aparece o indianismo em tôdas as variedades e "nauzeos". Nesse particular a literatura americana atingiu uma fecundidade jamais alcançada por qualquer outra especialidade.

Os EJE, ULI, serviram de bétro a um grande indianista, *JAMES FENIMORE COOPER*, que criou uma obra-prima ao escrever "O Último

dos Moicanos". Dentre as qualidades positivas da obra avultam o tom de cor local e a descrição fiel dos costumes e lutas dos selvagens.

Se nos voltarmos para o Brasil, ficaremos admirados ante a renovação literária causada pelo indianismo nas nossas letras. Somos, sem dúvida, o único país que possui uma literatura característica e especialmente indiana. A nossa pobreza em história e em tradições não resultou em prejuízo para o romantismo brasileiro. Bastamos o elemento autóctone; bastou e sobrou! Graças a ele é que os leitores — jovens e até adultos — se deleitam, nos dias de hoje, com as páginas de *ALEXANDRE DE GOSMAYES DIAS* e de *BRAZILIANO GARRIMAS*; deve-se a ele o ter-se acrescido a nossa literatura de obras magníficas, verdadeiras jóias raras do romantismo. Foi sob a inspiração do índio que se criaram obras tais como: "Iracema", a prosa mais harmoniosa da literatura romântica no Brasil; "Ubirajara", a vida dos indígenas nas margens do Tocantins e do Araguaia; e "O Guarani", a obra-prima de *JOSÉ DE ALMEIDA*.

O certo é que, ao lançarmos um olhar pelo romantismo nas literaturas da América, não podemos deixar de concluir que o indianismo foi mais brilhante que sua co-irmã europeia, a novela histórica.

## CONHEÇA O FRUTO

HAROLDO VIEIRA DA COSTA

2.ª série do curso clássico



S frutos quando maduros, constituem uma alimentação agradável e saudável, salvo na ocasião em que são comidos em excesso. Por este motivo, torna-se mister possuir uma breve noção sobre o fruto, produto da terra para sustento do homem.

— O que é o fruto?

A resposta deve vir em imediato.

O fruto é o ovário desenvolvido após a fecundação. Completo, elle encerra uma ou mais sementes generalizadas dos óvulos fecundados e um involucreo derivado das paredes do ovário, destinado a proteger as sementes durante o seu desenvolvimento. O involucreo originado das paredes do ovário denominam-se "pericarpo". Devo salientar que isto acontece nas plantas angiospérmicas visto que nas gimnospérmicas, como as fôllhas carpelares não formam ovário fechado, as sementes são protegidas por aquelas fôllhas desenvolvidas e em geral curvadas. É o que se pode observar na pinha dos pinheiros.

Geralmente o fruto é constituído apenas pelo ovário, porém às vezes outros elementos florais podem existir, transformando-se.

Exemplo: No caso o fruto é a castanha e a parte carnuda é um penduculo floral transformado. No morango persiste o receptáculo floral que se torna suculento.

No decorrer do desenvolvimento do fruto, a fôlha ou fôllhas carpelares, que formavam a parede do ovário, podem modificar-se de modos diversos. Assim, na vagina da ervilha é bastante limitado o desenvolvimento dos tecidos. É possível distinguir no pericarpo, uma fina membrana exterior ou casca, que pode ser lisa, áspera e lenhosa. Na cereja, encontramos um exemplo tipico de região lisa, molando-se região áspera no sapotil e finalmente a lenhosa na sapucaia. Denominamos a esta membrana exterior ou casca - *epicarpio*. A uma outra análoga formando-se a cavidade ou cavidades do fruto, isto é, limitando as sementes e podendo apresentar-se limitada a uma lamina ou muito desenvolvida, formando uma região lenhosa, chama-

mos de *endocárpio*. Exemplificando temos: no cajá manga, no pêssego etc....

Temos finalmente o *mesocárpio*, que é uma região intermediária apresentando as seguintes variações:

a) Mesocárpio carnudo, quando o fruto se conserva suculento até a maturação. Exemplo: na banana, na laranja.

b) Mesocárpio seco, quando maduro não se apresenta suculento. Exemplo: na ervilha de cheiro.

Podemos ainda concluir que, no fruto da videira, da groselheira, do tomateiro é distinto apenas o epicarpo; o mesocárpio e o endocárpio confundem-se num tecido sensivelmente homogêneo que envolve as sementes. No fruto da cerejeira, do pessegueiro e da amarelinha o mesocárpio toma grande desenvolvimento, conservando-se polposo e cheio de líquidos e de substâncias nutritivas e o endocárpio, acompanhado geralmente pela parte contígua do mesocárpio, torna-se lenhoso e constitui o caroço.

#### TIPOS DE FRUTOS

Podem ser: simples, quando originários de um ovário unicarpelar ou gamocarpelar. Exemplo: fruto do feijão, banana, laranja.

Múltiplo, quando formado por um ovário dialcarpelar. Exemplo: o morango. Finalmente, o fruto composto, que se origina de várias flores onde há numerosos ovários. Exemplos: a amora, o figo, a fruta-pão, o abacaxi, etc... É o que se pode ver no fruto do ananás; no qual externamente podem reconhecer-se os vestígios das diversas flores e internamente vêr que o eixo e os frutos parciais estão desenvolvidos e ligados.

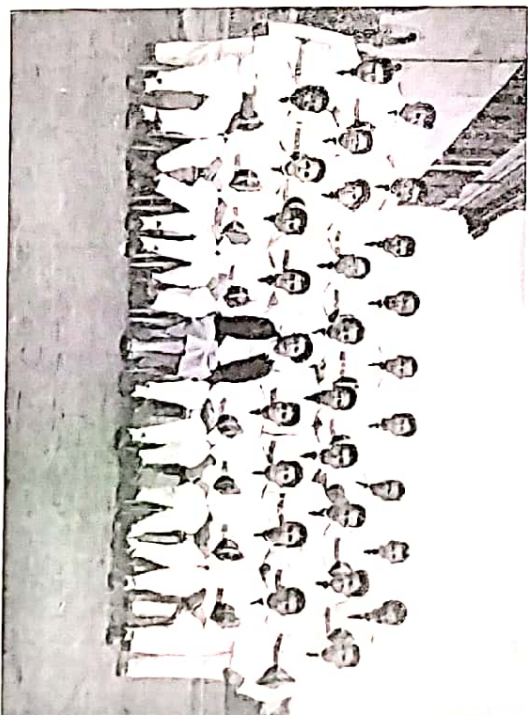
Durante o seu desenvolvimento, o fruto tem cor verde e funciona como as outras partes verdes da planta. Quando se aproxima a maturação, efetuam-se nele modificações importantes.

Nos frutos secos as substâncias nutritivas passam para as sementes e os líquidos desaparecem. Nos frutos carnosos muitas substâncias que se encontram no mesocárpio são quimicamente modificadas, tornando-se em geral mais próprias, para mais tarde servirem de alimento as novas plantas que nascerem das sementes que elas contêm. Os frutos da laranja, por exemplo, quando verdes, são ácidos, e doces quando maduros; os da pera, das sorvas, são muito adstringente, quando verdes, e perdem esta qualidade quando maduros.

Deiscências são os processos de abertura dos frutos para liberar as sementes. Chegados à completa maturação, os frutos carnosos desprendem-se da planta, que os produz e, em contato com a terra, apodrecem, dando a terra materiais fertilizantes e deixando a descoberto a semente ou o caroço. Alguns destes frutos abrem-se para deixar a semente em liberdade. Os frutos podem ser: deiscentes e indeiscentes.



3ª Série «As do Curso Gimnástico»



3ª Série «Es do Curso Gimnástico»

Deiscentes são os que se abrem espontaneamente pela maturação, libertando as sementes. Ex: o que se pode observar no feijão, na ervilha, etc.

As deiscentes apresentam-se dos seguintes modos:

- 1) Longitudinal, quando paralela ao eixo principal.
- 2) Transversal, quando perpendicular ao eixo principal e atinge a todos os carpelos. Fácil de se notar no fruto da sapucaia.
- 3) Deiscência por poros — quando realizada por intermédio de pequenos orifícios chamados poros. Por exemplo, o fruto da papoula.

Indeiscentes são os que não se abrem espontaneamente pela maturação e as sementes são postas em liberdade pela decomposição do pericarpio, exemplificando a manga, a cereja etc...

Vas-Feijões dividia os frutos em 3 grupos:

- 1) Secos
- 2) Carnudos
- 3) Meio secos e meio carnudos.

Os frutos secos são divididos em: indeiscentes e deiscentes.

Indeiscentes:

1.º) Aquênio — é um fruto seco cuja semente está unida ao pericarpio apenas pelo funículo. A castanha do cajú é um excelente exemplo. Na ampla família das compositas podemos encontrar diversos casos desta modalidade, como no grande ou pequeno gira sol, cujos nomes científicos se diferenciam em *Helianthus annuus* para o grande gira sol e *Helianthus tuberosus* para o pequeno gira sol. A dália apresenta-se com ótimo exemplo.

2.º) Diaguênios — são dois aquênios associados a um eixo comum podendo ser tri e tetra-aquênios gradativamente.

Aos diaguênios apresenta-se excelente tipo no funículo selvaçom, no aipo, na salsa comum e em outras plantas que pertencem à mesma família, as umbelíferas. Há nesses frutos dois carpídios (carpelos) que se separam, quando maduros. Cada carpídio é um aquênio.

Aos triaguênios nota-se um ótimo exemplo nas elagans, família das tropicáceas. Os aquênios, quando maduros, separam-se do eixo central. Finalmente, quanto aos tetra-aquênios, podemos dizer que são envolvidos por um cálice persistente, na hortelã das hortas, na erva limpa e em muitas outras plantas da mesma família, as labiadas.

3.º) Cariopse — pericarpio pouco desenvolvido, semente muito desenvolvida aderindo totalmente ao pericarpio. Um grão de milho é uma cariopse. O trigo e as gramíneas de um modo geral nos dão inúmeros exemplos.

1.º) Sâmara — pericarpio apresentando uma expansão aliforme. Podemos dizer que sejam um aquênio alado. A família das malváceas é abundante em exemplos, encontrando-se nas capoeiras de alguns Estados, uma trepadeira produtora de férteis flores amarelas e onde se observa um curioso tipo de Sâmara, a *bauhinia argentea*.

5.º) Di-sâmara — duas sâmaras associadas a um eixo comum. Existe até tri sâmaras.

Deiscentes

Podem ser: Deiscência longitudinal, transversal e por poros.

Deiscência longitudinal.

1) folículo — uma única folha carpelar e uma única folha longitudinal. Nota-se perfeitamente no acônio, planta já de cultura experimental em Teresópolis.

2) Legume — duas aberturas longitudinais, uma correspondendo a sutura dos bordos, outra à nervura mediana. Temos no feijão e na ervilha excelentes exemplos.

3) Siliqua — frutos com duas folhas carpelares e apresentando quatro fendas longitudinais. Os exemplos desta modalidade são numerosos na família das crucíferas: Couve, mostarda, etc...

Deiscência Transversal.

1) Pixídio — é uma cápsula de muitas sementes unilocular ou multilocular, que se abre pela queda de uma espécie de tampa ou operculo. Temos dois bons exemplos desta modalidade na flora nacional: o pixídio da sapucaia e o do Jequitibá vermelho.

Deiscência por poros.

1) Porófora — é um fruto cuja deiscência é por poros ou poricela.  
Exemplo — a cápsula das papoulas ou dormideiras.

Frutos carnudos.

Os frutos carnudos podem ser: indeiscentes e deiscentes.

Indeiscentes

Baga — tipo de fruto muito comum. Servem de exemplo: as laranjas, os tomates, a goiaba, "vas, bananas, etc.

Variedade de Baga.

- 1) Peponiteo — apresenta uma cavidade mediana e possui numerosas sementes. Exceções são: o mamão, abobora.
- 2) Hesperidicos — apresentam pêndulos contendo sucos nutritivos, como pode-se notar perfeitamente na laranja, no limão etc. . .
- 3) Prólido — o endocárpio apresenta-se em lâminas esclerosadas, observando-se exemplos na pêra, maçã, etc.

Deiscentes

Cápsula carnosa — encontramos exemplo típico no beijo de frade.

Frutos Meio Secos e Meio Carnudos.

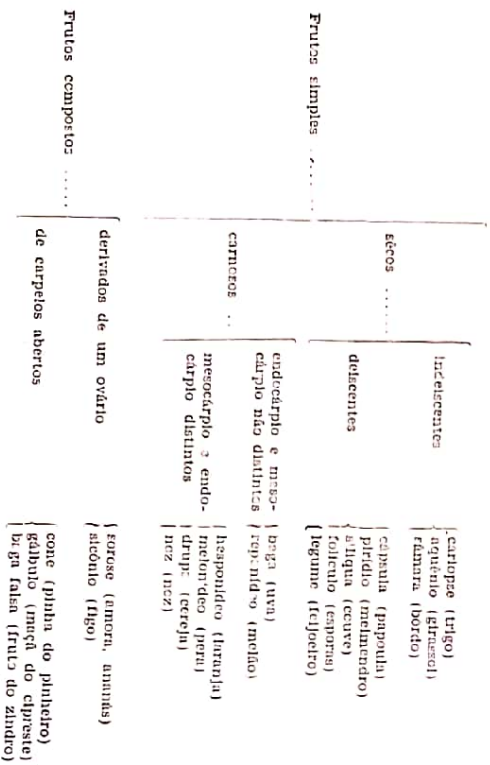
Embora o mesocárpio seja carnudo, junto ao endocárpio apresenta-se fibroso. Podem ser indeiscentes e deiscentes. ¶

Indeiscentes:

- 1) Drupa, como o caji-manga, a cereja.

Deiscentes:

Cápsula Drupária. Fácil de se notar no fruto da noqueira. Para melhor fixação do leitor, façamos um esquema geral do que foi dito. Portanto, as formas principais das plantas angiospérmicas são:



## O INTRODUTOR DO REALISMO EM PORTUGAL

CONSTANCIO DE ATHAYDE

3.ª Série do Curso Clássico



LORESCIA o indianismo casto e puro de José de Alencar no Brasil, quando, inesperadamente, surgem as "Menórias de um Sargento de Milícias". Saímos de um ambiente impregnado do *Dieu, la nature et moi* e penetramos num realismo brutal e vigoroso que nos deixa extáticos.

Talvez Waterloo fosse menos fatídica a Napoleão, e Cícero a Califúnia do que o foi a Masxoei Astório de Almeida esta mudança brusca de estilo e de enredo.

É raro, raríssimo, um autor sair da tendência natural da corrente hierárquica da época e projetar-se, assim, revolucionariamente, no meio cultural.

CHATEAUBRAND e MME. DE STAEL deixam de lado o *Cid*, o *Les Caractères*, *athalie*, a *Henriade* e as *Chansons de Geste*, para lançar, vitoriosamente, com *Lé Génie du Christianisme*, *Aldo*, *Cornine*, *De L'Allemagne*, *Les Martyrs*, etc., as bases de uma nova escola que leve eco na terra germânica, encontrando nas penas pujantes de Goethe e Schiller, seclárias fiéis. CHATEAUBRAND foi feliz na investida, porém, contrariamente, MASXOEI ASTÓRIO DE ALMEIDA foi tão mal sucedido que, só anos mais tarde, lhe foi reconhecido o mérito incontestável. A razão é lógica, plausível e justificável.

Dentre estes inovadores e revolucionários encontramos um que, merecê de suas invejáveis qualidades de escritor, merecê de nossa parte uma apreciação denotada e minuciosa.

Trata-se de um português nascido na Póvoa de Varzim e falecido em Paris, em 1800.

Portugal, na figura de Cayões, produziu um segundo Hoxteno. Era quase inconcebível que esta terra pudesse ainda gerar alguém de tanto vulto e repercussão mundial. Mas, para contrariar o senso lógico, surge Eça de Queirós, notável escritor, filósofo da pena e revolucionário.

Sua estréia nas letras é luminosa. "O Crime do Padre Amaro" é uma sátira cruel contra o clero. É uma obra lalhada em realismo cru, com sutilezas voltairianas. Usa de figuras tais na sua técnica realista que, ao lê-lo, vem-nos à memória a lembrança de Ivo, mestre da ironia e da calúnia.

É indubitável que a caracterização psicológica da personagem é feita por Eça com uma justeza machadiana. O Padre Amaro simetiza o seu sentimento anti-clerical e o seu realismo incipiente e ferrenho. Desentrola-se toda a história baseada numa trama de antões incestuosos de Amaro com Amélia, a quem seduz e lhe dá um filho. (Note-se aí o espírito sarcastico, irónico, mordaz e feroz de Eça).

Nessa obra arrasa com uma instituição mundial. Tão grande é o pavilhão erguido contra o clero, tão magna a sua força destruidora que, talvez, se nascido no tempo de Galileu, fosse, como este, condenado à fôrca.

A publicação deste livro, surge, paralelamente, uma acusação séria de plágio: émile Zola com seu *La Faute de L'Abbé Marré*, houvera servido de guia para Eça, o que é incoerente em virtude da publicação de *La Faute de L'Abbé* haver sido posterior ao Crime do Padre Amaro.

Mesmo assim passarei a argumentar em favor do português, sem querer, nem por sombra, diminuir o mérito do autor de *La Terre*.

Todos nós conhecemos sem dúvida o

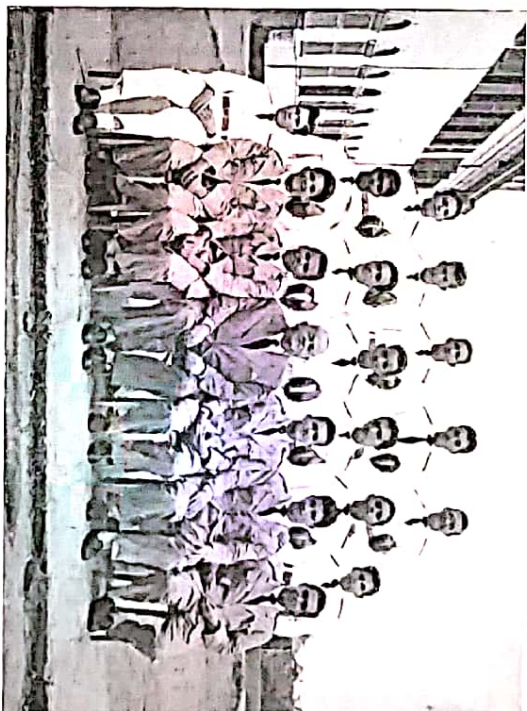
"ARMA VIRENTE CANO." e "AS ARMAS E OS BARÕES ASSINALADOS..." O mantuano espiçou as normas e formulou os princípios estéticos da epopéia. Caxótes, a posteriori, nada mais fez que seguir as pegadas do mestre sem, porém, plagiá-lo. É comum no meio literário um autor acompanhar as regras de conduta de estilista reconhecido e afamado. Pois não é lógico? É tão somente *chercher le bon ton*, para vencer no ramo literário. Se alguém quisesse tornar-se um grande autor cômico é procurar imitar Molière em toda a sua plenitude.

Senão, vejamos ainda: TRISTRAME GARCIA, com seu poema, *Las Colombres*, pode-se dizer, foi reproduzido por RAIMUNDO COMEIA em *As Pomboas*:

Sur le coléau ja-bas où sont les tombes,  
Un beau palmier, comme un pennache vert,  
Dresse sa tête où le soir les colombes,  
Viennent nicher et se mettre à couver.

Mais le matin elles quittent les branches  
Comme un collier qui s'égare on les voit  
S'éparpiller dans l'air bleu toutes blanches  
Et se poser plus loin, sur quelque toit.

Mon âme est l'arbre où tous les soirs comme elles  
De blancs essaims, de folles visions,  
Tombeent des cieus en palpitant les ailes  
Pour s'envoler dès les premiers rayons.



1.ª Serie «A» do Curso Ginasial



4.ª Serie «B» do Curso Ginasial

Deste teor é o poema do precursor do simbolismo em França e todos nós sabemos o belo soneto que nos legou o autor do "Mal Secreto".

Victor Hugo escreve, em tempos idos, *Le Roi s'amuse*, e Vian, usando de seu singular talento, transporta sua ideia para a ópera, deixando-nos o *Rigoleto*. Não é uma questão de plágio, é mais a difusão de uma ideia, sendo usadas várias técnicas de composição.

Creio, em virtude dos argumentos apresentados, haver refutado, de forma cabal, quaisquer críticas ao prosador lusitano.

Em seguida, continuarei a minha análise retrospectiva no alman do escritor.

Iconoclasta acerbo, continua o seu ataque feroz contra o clero. E' agora "A Reliquia", o alvo de nossas atencões. O estilo é facil, rico de imagens simples, leve e compreensivo. Sem dúvida, depois do Crime do Padre Amaro, é um dos livros mais pesados e de açao mais des- truidora em relaçao à Igreja.

E' a história de um orfao criado por uma tia ricaça, solteirona por convicção e beatíssima, ludibriosa e ceticamente, e, enquanto pratica os atos mais luxuriosos do mundo, fala-lhe de rezas, de santos e de demais aparatos da seta cristã.

Seus olhos seguros estão voltados para alguns contos de fets que sua tia, avaramente traz guardados consigo. Mentir, enganar, fingir, estorçar-se, esbravejar e lutar por eles. Seus preces são em favor, tão so- mente, da morte da tia, na perspectiva de dias consecuentes que a bela Paris com seus encantos irresistíveis de meretriz orgulhosa lhe poderia proporcionar. Os dias passam e a Titi não falece, aguçando- lhe a expectativa e aumentando-lhe a impaciência.

E' profunda, ferrenha, acerba e feroz a critica dirigida ao clero. Eça não poupa argumentos nem fatos. Tudo é-lhe motivo de acusa- ção.

Após certas circunstâncias que pouparei ao leitor o trabalho de ler, enunciarei uma das partes de mais aspero espirito satirico.

De uma de suas amantes mais amáveis, Raposo conservava uma camisa como reliquia inestimável. Ao desenharrar em Jerusalém es- capa-se-lhe o embrulho que a continha e encaminha-se às escuras águas do oceano. Alucinado, grita, pedindo auxilio de alguém. Pres- tiçosamente, uma freira segura o embrulho precioso, ruborizada do mo- vimento rápido que fizera. Nosso herói, então, num dos seus costumel- ros rasgos de hipocrisia, agradece comovido, afirmando que a religiosa houvera salvo algo muito relacionado com sua crenga.

Pasam-se mais alguns capítulos e chega, finalmente, o desenlace da mistória: Efflo de volta a Portugal, portador da reliquia da Terra Santa, prometida a sua tia. Mas, para encerrar de maneira cruetante a aventura, em vez de ser-lhe entregue o embrulho portador do galho do espinheiro de que se fez a coroa de Nosso Senhor Jesus Cristo, illia recebe, das suas proprias mãos, a camisa saudosa de Mary que nosso herói houvera conservado intacta.

Quem algo mais?

Não... não é preciso. Só por essa inábil transcrição pode-se saber alguma coisa, em traços rápidos, do caráter sólido e crítico de Eça.

\* \* \* \* \*

Mourão, na sua *L'École des Morts*, pinta, usando de sua relen- ha, vários caracteres. Aliás, o que há de especial no grande comico, é esta particularidade essencial e sua.

*Ariste e Sparralle* são a reprodução de tipos reais e frequentes. No decurso de sua obra deixa transparecer, nitidamente, sua análise das personagens. Encontramos no Brasil Meciano de Assis como no- tável e exímio pintor de seres humanos; Capitu é adorável pela sua descrição; Quincas Borba torna-se real e *pitafio* ao receber as tonali- dades fortes e decisivas do escritor carioca. Enfim, a personagem em- polga, sempre, pela personalidade que lhe empresta o autor.

Jean-Baptiste Pogury Mourão dá-nos em *Prétenses Ridicules* um quadro sintético e impressionante da personalidade de Maguelon e de Galhos, frivolas e volúveis; Gorgibus, velho e interessado e sem escrúpulos; Du Croisy e De La Grange, despeitados e rancorosos, e Jo- delé e Mascarrille, matreiros e finórios.

E' real, aos olhos do leitor, a combinação bem urtida de que se aproveitou Mourão para impressionar e gravar fundo o caráter da per- sonagem. E' por esta particularidade absorvente que no seu busto existente na Academia Francesa, Sacrin, lendo em vista seus admirá- veis dotes, vem a escrever:

*Rien ne manque à sa gloire, il manquait à la nôtre*

SHAKESPEARE, o gênio do teatro mundial, juntamente com CONSER- VE, ILCINE e SOFOCLES, faz-se notar pelos mesmos predicatos que ele- varam Mourão: caracterização psicológica da personagem.

Principalmente em suas tragédias, SHAKESPEARE faz-nos ver a gran- deza de criação de seu gênio inventivo. Vejamos o "Hamlet": povoado de mortes, tético, emocional e, principalmente, caracterizador do es- pírito fraco e falho de Hamlet. Alucinado com sua fraqueza ante a sua impotência covarde contra o assassino de seu pai, medita profunda e filosoficamente:

*To die... to sleep...*

*to sleep... perchance to dream...* ou :TO BE OR NOT TO BE? E' a falta de coragem, a fraqueza moral e a baixeza do seu ca- ráter que se estampa nitidamente nesta proposição sonora e bem rti- mada. E' a caracterização perfeita da alma da personagem, o portal da glória dos literatos!

Em "Oleto", retrata "o monstro de olhos verdes" estupidamente. Dá-nos o autor a ver, claramente, a confusão de sentimentos existen- te em sua tragédia, culminando com o assassino injustificável da Jo- nestra Desdemona e o suicidio alucinado de Oleto. Nesta peça, a meu ver, sua personagem principal é Iago. E' todo um misto de baixeza

e inveja, de crueldade e sagacidade, de sutileza e inteligência. Heirado pelo autor como um ser de baixos escrúpulos, vemos porém, paradoxalmente, no tentar convencer Obleo da infidelidade de Desdemona, sábias e criteriosas palavras escaparam—se-lhe da boca. E? o célebre: *Good Jane in a man and woman is the immediate jewel of their soul.*

E? de admirar! A combinação de circunstâncias faz de SHAKSPEARE o mago da literatura mundial, o teólogo comparável a Sócrates, o mago das letras ingênsas!

EÇA DE QUEMOS era habíssimo, como SHAKSPEARE ou MOLIÈRE, na caracterização psicológica da personagem, resultando daí a sua projeção mundial. No seu "A Cidade e as Serras", talvez a sua maior obra, vêmo-lo doutrinário, iconoclasta e maleável. E? uma crítica irreparável à civilização. Seu círculo é o seguinte:

Jacinto, jovem riquíssimo e de grande inteligência, quando ainda universitário, formula, baseado em filósofos materialistas, um processo de vida que o conduziria à felicidade. Sua teoria baseava-se na seguinte equação lógica:

SCMA SABEDORIA + SCMA POTENCIA = SCMA FELICIDADE

Levando a efeito este seu *modus vivendi*, acumula no vasto palacete parisiense de sua propriedade, toda sorte de objetos produzidos pelo homem para facilitar os métodos de vida dos seus semelhantes.

Vivendo em pleno domínio dos processos científicos e maquinários, em breve, sente-se enfadado de tanta monotonia e melifilidade. Segue-se então um período de profundo abatimento moral e físico, de melancólica apatia e de retraimento abatido. Evoca-se-lhe a face. Aparecem as rugas da velhice, assinalando uma precoce decrepitude. Nesse ínterim, Zé Fernandes, seu velho e bondoso amigo, é quem o anima e faz-o alegrar-se de quando em vez. Sucedeem-se as festas fastidiosas e a convivência purificante da *hoite sortida*. Cada vez mais doente e cansado, Jacinto começa a manifestar idéias hyronímicas e concepções acalunhadoras. Com frequência lembra Sócrates, condenado a beber cicuta e exalta a caridade benevola da morte rápida que oferece esse dócil veneno. A pouco e pouco esta idéia vai tomando vulto, lançando-o num estado de completa monotonia e inércia.

E? então que, subitamente, os ossos de uns seus antepassados fazem-no ir às suas vastas propriedades no Douro. Na viagem tudo é contratempo. Tudo mal entendido. E? éle, acostumado aos manceios colchões e às colchas de séda pura do 2012, vê-se obrigado a dormir no chão duro, lamentando-se horrivelmente da sorte. A pouco e pouco, porém vai-se afeiçoando-se à serra e, animado pelas exaltações de Zé Fernandes, termina por casar-se e estabelecer-se lá definitivamente em Torres, olvidando, por completo, o 2012 e a bela Paris.

Fazendo uma análise: Eça nos apresenta um tipo definido e qualificando, limpo e transparente, em circunstâncias especiais e delicadas. Conduz o romance no mesmo tom, com a mesma sensibilidade artística e a singeleza quase botânica de sua pena. A caracterização da personagem fá-la de maneira concisa e justa. O desloque do romance é *sui generis* e, sutilmente, é uma grande obra.

\* \* \* \* \*

MAIVASSANT com seu *Bel-Ami*, talvez muito influenciasse o autor de *A Hashte Casa de Ramires*. Talvez com a idealização de Gonçales Duruy o francês, tenha calado fundo na alma de Eça, impellido-o a produzir *O Primo Basílio*, que mereceu referências elogiosas de Maurício de Assis.

*Bel-Ami*, alcunha amorosa que recebera Georges Duruy da filha de Mme. Marrelle, uma de suas inúmeras amantes, é o tipo do conquistador francês por excelência. Consegue, graças à sua lábia e ao seu porte atraente, por intermédio de mulheres a quem cativa, assombar aos pináculos de sua carreira, tornando-se rico e feliz. O rapto de Suzana é uma das páginas mais interessantes do livro, deixando transparecer o raciocínio lucido de MAIVASSANT.

No *Primo Basílio*, Eça nos apresenta o adúltero social, político e democrático. E? filósofo, é cômico, é severo, é relaxado, é calmo, é tempestuoso, sendo por isso, digno de todas as honras literárias da sociologia.

Uma outra faceta curiosa do engenho fecundo de Eça é a que se refere ao gênero epistolar. Podemos, sem erro de previsão, compará-lo aos mestres espongenciais. MME. DE MAMTENSANT, GREZ DE BAZZAC, LOMO BYNOX, CICERO, MME. DE SEVIXNÊE e EÇA DE QUEMOS talvez venham a ser os supramissos na matéria. Eça estabelece em suas missivas, um aspecto totalmente novo no gênero. Não possui aquele estilo afetado e pedante de Mme. de MAIVASSANT, nem aquêle lacônico característico dos ingênses, exteriorizado por BYNOX. Sua maneira de escrever é fluente, convincente, pausada, raciocinada e sutil. Suas *Cartas de Inglaterra*, *Correspondência de Fratigue Mendes* e outros do mesmo gênero, não deixam nada a desejar neste particular.

Para terminar, devo afirmar que Eça descreve com singela beleza de sua pena, com o rebuiscar mavioso e crítico de seus vocábulos, com sua graça expressiva, com seu talento incontestável e com a facúndia peculiar a DEIXOTREXES, a BOSSIER ou a BORBOLVÊE, um quadro vivo do meio, da política, do ambiente religioso, da gente lusa, da terra com suas extensas sebes e arvoredos, de Lisboa com sua vida cidadã e borborinhante, que vale mais do que qualquer descrição geográfica ou geofísica.

## CASTRO ALVES, SUA VIDA E SUA OBRA

JOSÉ CARLOS BORGES FILHO

1.ª série do curso clássico



NASCERU Antônio de Castro Alves aos 14 de março de 1847, na Fazenda Calaceiras, à margem do rio Paraguaçu, então comarca de Cachoeira e próximo de Curralinho, hoje Cidade de Castro Alves.

Seus pais foram o Dr. Antônio José Alves e de D. Clélia Brasília da Silva Castro.

Seu pai, médico dos mais conceituados que possuía a Bahia de então, era dotado de grande cultura, pois empreendera uma viagem à Europa e especializara-se em cirurgia, tendo sido aluno do célebre operador francês Malgaigne, que lhe confiara o bisturi em operações arriscadas. Além da França, visitou também a Holanda, a Bélgica e a Alemanha.

Sua mãe fora educada na capital, com estudos e prendas de meninas nobres. Castro Alves viveu a sua infância no recolhido da fazenda onde havia nascido e que mais tarde seria, juntamente com as regiões circunvizinhas, a inspiradora de alguns de seus poemas. Teve então como ana, a neta Ana Leopoldina, que teve um filho Gregório, que mais tarde serviu de pai ao poeta.

Quando contava 7 anos de idade, seus pais se transferiram para a cidade. Castro Alves ingressa então no Colégio Severão, aos 9 anos de idade. Havendo sido fundado em 58 o Ginásio Baliano pelo Dr. Alípio César Borges, depois Barão de Macaúbas, o mestre insigne que Raul Pompeia immortalizou em "O Alenquer", nele ingressa Castro Alves com 11 anos de idade.

Em 1859, D. Clélia, de saúde sempre precária, entrega sua alma aos céus. Nesse tempo, segundo testemunho de pessoas autorizadas da época, já começava a se revelar. Era estimado por diretores, professores e colegas, alguns dos quais lhe chamavam de Cecília, nome que lhe dera a família.

Revela-se que em aula de latim do Padre Turibio Tertuliano Friza, o aluno pedira licença para em verso traduzir a ode de Horácio lida por terra, o que maravilhou o mestre e discípulos.

Ai então começava a despontar a figura simpática desse natível poeta.

Vos palanques e aos oiteiros, nos dias de festa cívica ou hierárquica, não deixam de concorrer o jovem vate. Algumas destas primeiras poesias que foram oferecidas ao Dr. Alípio César Borges, por ocasião de seu aniversário natalício

em 9 de setembro de 1860, já deixam antever o grande poeta das causas populares e das metáforas eloquentes.

Além destes outros versos mais já fazendo e recolhendo a um caderno, que veio a perder.

Em 1862, foi para Recife a fim de completar os preparativos no curso anexo à Faculdade de Direito, mas não conseguiu matriculá-la, pois fora reprovado em geometria. Tinha aversão à matemática.

Sua vida em Pernambuco, como revelam cartas que escreveu a amigos, não era muito dedicada aos estudos mas, em compensação, fazia muitos versos.

Revela o seu amigo dileto Luis Cornélio dos Santos, que já aos 16 anos, era quase um homem pela estatura, e lhe descreve romanticamente os traços fisionômicos: "a beleza dos olhos, a dourada palidez das faces, o negro intenso dos cabelos e sobretudo o sorriso angélico da fisionomia. Não era com certeza um belo modelo de estatura, mas é impossível encontrar-se um conjunto maior de graça e simpatia. Havia um não sei que de instigante e de atrativo naquela criatura, que era impossível faltar-se à sua influência."

Mais adiante falando de seus dotes pessoais, teve este enorme elogio: "A alma desse menino era de uma pureza inexcelsível, a inteligência tinha lampejos que ofuscavam como relâmpagos — Hugo, em pequeno, devia ser assim."

Num jornal acadêmico "A Primavera", publicado em 1863, os seus primeiros versos abolicionistas — "A Canção do Africano". Do mesmo ano são "Pesadelo", "Meu Segredo", "Cansaco", nos quais já aparece o grande Castro Alves.

Nesse ano, indo ao Teatro Santa Isabel assistir à representação de uma companhia portuguesa, conhece a atriz Eugénia Câmara, grande amor de sua vida e para quem escreveu "Gonzaga ou A Revolução de Minas". Nessa época acentuou-se a campanha teatral por duas atrizes festejadas, que reuniam em torno de si dois partidos: Castro Alves é o chefe em prol de Eugénia Câmara, Tobias Barreto, do outro por Adelaide Amaral. Amigos até aí, rompem-se as relações entre ambos. Parece que o nosso poeta levou a melhor.

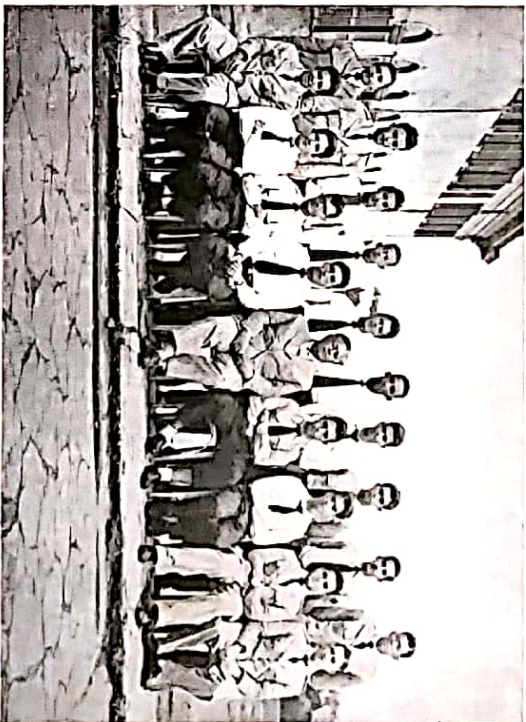
Em "Gonzaga", Eugénia Câmara devia representar, amorosamente criado para ela, o papel de Maria; idealmente o poeta se encarnava em Gonzaga, apresentando-lhe sentimentos cítricos e ardoroso entusiasmo, que o outro não teve.

Seu idílio com esta atriz lhe frangeu a reprovção da voz pública que não admitta a ligação de um rapaz conhecido e amado da sociedade, com uma cômica que não tinha renome de virtuosa.

Mém disso, Castro Alves ansiava vir ao sul, ao Rio, onde esperava encontrar a glória, a São Paulo, em cuja gloriosa Faculdade queria terminar o curso.

Em 1868, com Eugénia, casara para a Corte. No Rio é recebido festivamente por toda a imprensa; sobe à Trijuca, para apresentar-se a José de Alencar, a quem por carta o recomendara Fernandes da Cunha, "Cicero que vinha trazer Florêncio"; nesta ocasião recebe de Machado de Assis, o príncipe de nossas letras, o maior elogio: "a musa do Sr. Castro Alves abre os olhos em pleno Capibão."

Era a consagração em plena corte. Isto para um jovem de 20 anos, era mais que uma consagração, pois nem Vitor Hugo, nem Byron nem o grande Camões, com esta idade, sonhavam sequer com os louros da vitória.



1. Serie do Curso Cientifico



2. Serie do Curso Cientifico

Mas o seu sonho durado era S. Paulo, Ironia do destino! Mal sabia o poeta que a sua tã para S. Paulo, além de lhe dar a consagração definitiva, iria jogar sobre sua vida as trevas de terrível mal.

Em fins de março de 68 elegem a S. Paulo e ingressa na Faculdade de Direito, onde se torna aluno de José Bonifácio e do Conselheiro Manuel Dias de Toledo.

Logo uma atração reciproca une o mestre insigne ao aluno dedicado.

Por essa época, escreveu: "o grande Castro Alves já era grande. Um amigo seu, Carlos Ferreira, escreveu: "o grande Castro Alves! como diziam todos, na Academia e fora dela..." "quando lhe recitava, toda a gente que o ouvia tinha arrepios de assombro e enxergava na esbelta e simpática pessoa do jovem acadêmico mais um semi-deus do que um poeta, menos um poeta do que um vir-dante e nunca se fartava de o ouvir. Ele também, valha a verdade, nunca se fartava de recitar, e seria capaz, se instassem de passar a vida inteira dedicando as inspiradíssimas estrofes".

Sua vida social não era intensa, talvez devido a seus laços amorosos com a atriz.

Contudo era frequentemente convidado a participar de reuniões literárias e solenidades cívicas. Quando comparecia a estas reuniões, dançava, recitava e também nanorava.

Formosas poesias líricas são impressões desses momentos: "O. Admis de Teresa", talvez a Adornecida. "Lago de Pira".

Depois rompiu suas ligações com Eugénia Câmara. Para distrair os seus cuidados o poeta fumava, passeava, e, fugindo à convivência, saía pelas cercanias da cidade, a caçar.

Foi numa dessas caçadas, que, ao atravessar pulando uma vala, a arma disparou e toda a carga foi-lhe atingir o calcanhar do pé esquerdo. Teve que amputar a ferida e os sofrimentos físicos e morais foram de tal forma agravando-se que lhe sobreviou a tuberculose.

Mas, em sua enfermidade, ainda encontra o poeta, entre seus companheiros de Acaulenta, protestos de estima e admiração. Ele mesmo o confessa: "a cada dor que me hacterava, tinha uma mão de amigo para aliviar..." "Seis meses vividos na comunhão mais santa — na comunhão do jejuamento, seis meses em que a minha calçada desfilada encontrava sempre um bon coração onde repousar..."

#### A OBRA DE CASTRO ALVES

Sua obra quase toda revela um coração bondoso e um sentimental apaixonado de suas causas.

Tem-lhe chamado com certa razão "o Poeta dos Escravos". Não foi de que com seus versos inflamados, mostrou a nossa nação, quão vil era a exploração de escravos? Ele, como Rui, Patrocinio, Naleno e tantos outros, não admitia que homens, organicamente iguais a si, fossem tratados como seres inanimados.

Sua lira, brotada da exaltação de suas paixões políticas (pela abolição e pela República), adquire eloquência tamanha, que não há em nossa literatura outro que lhe compare. É um pouco do génio Castro Alves. Aqui tãe fala

para o povo e compartilha com este nos seus anseios; e é por isso que sua linguagem, extinta materialmente de nós há quase um século, ainda permanece viva como nunca, na nossa imaginação e admiração.

Silvio Romero, um dos maiores críticos literários de nosso país, acusa-o de excessivamente eloquente. Não se nega ao poeta a grandiloquência nos versos; mas, por acaso, não se pode ser vibrante e convicto ao mesmo tempo? Castro Alves foi, e em grande dose, eloquente, mas e justamente essa eloquência que o tornou grande. Apreciando-se um de seus poemas mais inflamados, chegar-se-á a esta conclusão.

A questão dos escravos foi-lhe a inspiradora ideal. Nela aparece o poeta em toda a plenitude de seus dotes de vale incomparável. Ora implorando a Deus a piedade, ora fazendo tocar o coração dos homens generosos de sua terra, tãe gravou nos seus poemas, o que de mais puro há no género em nossa literatura.

"Fera um sonho dançoso... o tomadinho"

O mestre Dante, com seu "Inferno" lhe vem à mente para inspirar e mostrar o quadro hediondo, tal como é

Depois ainda para Deus:

"Senhor Deus dos desgraçados!

Dizei-me vós, Senhor Deus!

Se é mentira... se é verdade

Tanto horror perante os céus?"

E finalmente para o povo de seu país:

"Existe um povo que a bandeira empresta

Para cobrir tanta infâmia e covardia!"

Foi tãe por isso no dizer de Amadeu Amaral, "um lutador", "um propagandista", "um apóstolo".

Mas não foi só como poeta nacionalista que se notabilizou Castro Alves. O seu lirismo também resplandece como estrela que jamais se ofusca.

Quando tãe deixava falar o coração, simplesmente, de si para si, todas as arcasas ditas, todas as angustiosidades e todo o barulho das sans cõleras de filho reatário da Revolução fundiam-se numa perspectiva suavíssima, feita de tons mlticores, de mechas sombras e odorantes vergões. Seu livro, intitulado "Espumas flutuantes", e o testemunho seguro destas afirmações.

O sucesso do seu lirismo declamatório, empolado e brilhante, onde refletiram de recho a trecho, imagens de uma formosura, quente e nervosa, tem as raízes no caráter grandiloquente e entático da raça brasileira. Ele foi, e tãe ainda, amado aqui por várias razões de ordem moral, porquanto tãe, de certo modo, um genuíno representante do nosso pensar para o grandioso, ate para o extremo, vagnite.

